

**Roteiro polos espazos vitais e literarios de
Camilo Castelo Branco
con Ana Maria Moutinho Ferreira**

Porto, 10 de outubro de 2026 - Código en fprofe G2603002

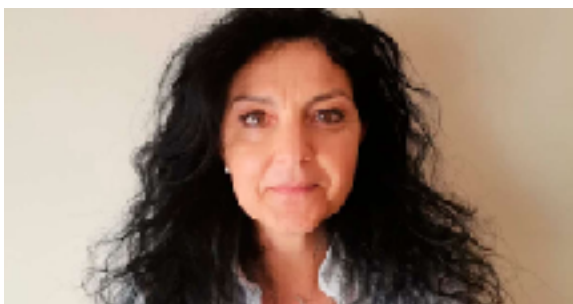


XUNTA
DE GALICIA

CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN,
CIENCIA, UNIVERSIDADES E
FORMACIÓN PROFESIONAL



Xacobeo  2027



Ana Maria Moutinho Ferreira

É licenciada e mestre em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutorou-se na Universidade de Vigo com a tese *Turismo Literário no Porto: avaliação da sua potencialidade com base na figura de Camilo Castelo Branco*.

Atualmente é docente e investigadora na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico do Porto da Universidade do Porto

Proferiu conferências na Universidade de Aix Marseille, na Universidade Fernando Pessoa, na Universidade de Natal, na University of Stirling, na Universidade Nova de Lisboa...

É a investigadora responsável pela criação e a atual coordenadora da Pós-Graduação em Turismo Literário na referida instituição. Integra centros de investigação de prestígio, nomeadamente o CEGOT (Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território) e o CITUR.

O seu principal foco de investigação centra-se no turismo literário, turismo cultural, turismo criativo e na sustentabilidade territorial. Participa ativamente em projetos transfronteiriços como o ECODITUR, potenciando os vínculos culturais entre o Norte de Portugal e a Galiza. Conta com dezenas de publicações académicas, artigos, conferências e roteiros que utilizam o texto literário como metodologia de ensino. Tem desenvolvido um trabalho de relevo na promoção e dinamização de itinerários culturais focados em autores da literatura no Porto.

Índice

Ponto 1 — Largo da Sé	03
Ponto 2 — Rua Escura	05
Ponto 3 — Estação de São Bento	06
Ponto 4 — Praça da Liberdade	11
Ponto 5 — Livraria Moré	14
Ponto 6 — Livraria Lello	15
Ponto 7 — Antiga Cadeia da Relação	16
Ponto 8 — Largo Amor de Perdição.....	26
Ponto 9 — Hospital de Santo António	27
Ponto 10 — Antiga Academia Politécnica ...	29
Ponto 11 — Grande Hotel de Paris.....	30
Ponto 12 — Moreira da Costa	32
Ponto 13 — Praça Filipa de Lencastre	34
Ponto 14 — Rua do Almada	35



Ponto 1 – Largo da Sé

Em **1852**, imbuído de um surpreendente fervor religioso que se julga ter sido inspirado na impressão causada pelo exemplo do Dr. Câmara Sinval, lente da Escola Médica, que, já idoso, tomou ordens tornando-se pregador em S. Filipe de Nery, ou por desgosto do casamento de **Ana Plácido**, ponderou seguir uma **carreira religiosa**. Para tal, matriculou-se nas Aulas de Teologia, Dogmática e Moral, do **Seminário Diocesano**, ao tempo instalado no Paço Episcopal. A 17 de março desse mesmo ano, chegou a requerer tonsura, ou seja, que lhe abrissem na cabeleira, mesmo no cimo da cabeça, aquela espécie de coroa que era uma das marcas que distinguia os clérigos do comum dos outros homens.

A par com as aulas de Teologia, Camilo dirigia e redigia o **Cristianismo**, semanário religioso por ele fundado e do qual se desligou, em setembro de 1852, para fundar outro jornal, **A Cruz**, com a mesma periodicidade e as mesmas características doutrinárias.

Mas onde o cariz religioso e filantrópico de Camilo mais se fez sentir, foi quando o seu nome apareceu junto dos de outras personalidades sonantes da sociedade portuense da segunda metade do século XIX, que se propunham fundar uma creche sob a proteção de São Vicente de Paulo. Uma obra notável de solidariedade social, que ainda hoje existe, e funciona na rua de Gonçalo Cristóvão, e que teve como fundador número um, por ter sido o homem da ideia e da iniciativa, João Vicente Martins.

Em **1854** Camilo residia na rua do Pinheiro e era um dos cinco «visitadores» da **Associação Protetora das Creches de São Vicente de Paulo**, na altura instalada num prédio da rua da Picaria, por sinal muito perto da residência do escritor. A primeira sede funcionara na praça da Trindade.

Pela Leitura dos almanaques da época, ficamos a saber que em **1855** Camilo era um dos sócios «instaladores e protetores» da instituição onde, ainda nesse ano, além de visitante, desempenhava as funções de secretário geral da Assembleia Geral¹.



Paço Episcopal e pelourinho, no recém-aberto terreiro da Sé, 1945. O Paço Episcopal é um edifício barroco, erguido no lugar do antigo paço medieval. Nicolau Nasoni deixou aqui a sua marca, projetando três fachadas distintas. O edifício sofreu estragos sérios aquando do Cerco do Porto (1832-1833) e, com a implantação da República, passou para as mãos do Estado. Entre 1916 e 1957 foi Câmara Municipal do Porto. O terreiro da Sé só adquiriu o aspeto que hoje tem em 1940, quando foi demolido o casario medieval que aqui se localizava, ampliando grandemente o pequeno terreiro que então existia. Em primeiro plano, um pelourinho em forma de coluna salomónica. Apesar da aparência antiga, trata-se de um mero ornamento, feito pela Cooperativa dos Pedreiros e aqui colocado em 1945. Foto de Guilherme Bonfim Barreiros

¹ Silva, Germano (2018) «O misticismo de Camilo» in visao.pt, 26-05-2018.



A, então, rua do Paço Episcopal (hoje parte do terreiro da Sé), c.1910.

Durante séculos, a poucos metros da fachada principal da Sé, ficava a capela de Nossa Senhora de Agosto, mais conhecida como capela dos Alfaiates.

A capela da confraria dos Alfaiates começou a erguer-se em 1554, em terreno cedido pelo bispo D. Rodrigo Pinheiro. O estatuto de monumento nacional, conseguido em 1927, não evitou que a capela fosse expropriada em 1935, devido às obras de alargamento do espaço fronteiro à Sé. Numa tentativa de dar maior dignidade ao edifício da catedral e de higienizar a zona envolvente, procedeu-se, também, à demolição dos antigos quarteirões em redor. No entanto, ao contrário da quase totalidade do restante edificado da zona, a capela dos Alfaiates teve a sorte de vir ser reedificada em 1953, no gaveto das ruas do Sol e de São Luís, onde permanece até à atualidade.

Foto de Alvão | CMP, Arquivo Histórico Municipal

Texto 1

Pasmado das proezas destes homens, olhou para si e achou-se miserável nos seus amores sertanejos para uma obscura filha de boticário. Não tinha façanha que contar quando lhe pediam casos da sua vida; via-se forçado a inventá-los para não ser ridículo, nem dar suspeitas que passara do seminário de D. Fr. Caetano Brandão para o Parlamento. Relatava então raptos e adultérios, pondo os maridos nas cenas grotescas das tragédias e caricaturando as desgraças para não desafinar do tom dos seus amigos.

Era um tartufo de patifarias —o que aí há de mais covarde e perverso no canalhismo das salas.

Camilo Castelo Branco (1875-1877) *Novelas do Minho.*

Texto 2

Fundou-se em 1853 a creche de S. Vicente de Paulo no Porto. Fizeram-me vice-presidente, fiscal ou não sei que governança daquilo. Achei-me com Amorim de Vasconcelos, eleito secretário da creche. Conversámos. Estava ele com uma febre cerebral de homeopatia. Explicou-me lucidissimamente as teorias hahnemanicas e fácil glória granjeou em converter-me. Amorim entendia o mistério das dinamizações infinitesimais. Não duvidava assegurar-me que dez gotas de nux lançadas das Berlengas ao mar podiam converter o oceano num remédio bom para dores de estômago, de cabeça e outras. As demonstrações saíam-lhe claras e irrecusáveis como uma operação algébrica.

Camilo Castelo Branco (1867) *Cavar em ruínas.*

Ponto 2 – Rua Escura

Quando Camilo chega ao Porto, em **1843**, vive na Rua Escura, bairro pobre e lamacento da cidade, esquina com a Viela dos Pelames. Fica no Bairro da Sé, paralela à Rua de Pena Ventosa. É estreita, em pedra, encostada à antiga Muralha Primitiva do Porto.

Porquê Escura?

- Versão oficial. Aparece documentada pela 1ª vez em 1301 como Rua Nova. Em 1404 já era «Rua Escura que antigamente chamavam Rua Nova», Mudou de nome porque D. João I mandou abrir outra «Rua Nova» - hoje é a Rua do Infante D. Henrique.
- Versão popular. Os prédios medievais eram tão altos e juntos que quase não entrava sol. Ficava literalmente escura. Moradores antigos dizem que eram edifícios monumentais na Pena Ventosa que tapavam a luz. • Outros nomes: Também foi «Rua de Nossa Senhora do Ferro» ou «Rua do Ferro» por causa do Recolhimento de Nª Sª do Ferro que existiu lá.

História breve: do século XIV até hoje

- Sec XIV - Já existia como «Rua Nova» em 1301.
- Idade Média - Já era calcetada. Ligava a Cruz do Souto à Porta de Vandoma, dando acesso ao burgo episcopal. Era rota para Trás-os-Montes e Penafiel.
- 1541-1543 - Aqui ficava o cárcere da Inquisição no Porto. Foi D. João III que mandou instalar. Em 1542 já tinha 40 presos. O 1º e único auto-de-fé do Porto foi em 1543: 3 pessoas queimadas.e outra garroteada. Há quem afirme ter havido um outro auto de fé.
- Séc XVII - XVIII - Teve o Recolhimento de Nossa Senhora do Ferro, para «antigas prostitutas e outras mulheres em situação de pobreza». Mudou-se em 1757 para as Escadas do Codeçal.
- 1681 - Uma fachada tem a data 1681. O nº63, era a velha Capela de Nª Sª do Ferro.
- 1860 - Câmara junta o antigo Largo de S. Sebastião à Rua Escura.
- Séc XIX - Alojou casas-torre importantes, mas depois ficou sobrelotada por populações carenciadas. Camilo Castelo Branco viveu perto.



Texto 3

Eu morava na Rua Escura, um beco fétido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viela de Pelames. Éramos dois os estudantes que ocupávamos o terceiro andar, com uma retorcida varanda de pau debruçada em ameaças sobre os transeuntes...

Joaquim, A. (1905). *Rapsodia camilliana*, Livraria Alfredo Barbosa de Pinho Lousada, Porto.

Ponto 3 – Estação de São Bento

Projetado pelo arquiteto José Marques da Silva, o edifício da **estação ferroviária de São Bento** foi inaugurado em 1916, ocupando o local do antigo **Mosteiro de São Bento de Ave-Maria**, erguido em 1518 por ordem do rei D. Manuel I, que reverteu para o Estado em 1892, imediatamente após a morte da última religiosa.

Camilo Castelo Branco não chegou a presenciar estes acontecimentos, pois, no seu tempo, abadessas, monjas, freiras e criadas ainda habitavam São Bento de Avé-Maria. Camilo era presença assídua nos abadessados². Para os festejos, que geralmente duravam três dias, eram convidados alguns poetas da cidade que, recorrendo à sua criatividade, discorriam poeticamente sobre os motes lançados pelas monjas. O amor era o mote preferido.

Durante estes eventos, que se prolongavam pelos serões fora, vivia-se um ambiente festivo, com as criadas do convento e as monjas servindo doces e licores aos poetas. Foi num destes eventos, mais concretamente no que se realizou entre 21 e 24 de outubro de **1850** (por ocasião de ser reeleita a abadessa D. Anna Delfina de Andrade³), que Camilo terá conhecido a freira **Isabel Cândida Vaz Mourão**, de quem foi amante. Em 1855, a freira Isabel será a responsável pela educação de **Bernardina Amélia**, filha dos amores de Camilo e de **Patrícia Emília de Barros**, como se fosse sua mãe, até ao seu casamento. Bernardina casou aos 17 anos com António Francisco de Carvalho, recém-regressado do Brasil, carregado de notas, embora bastante mais velho. Situação que não era única, pois basta recordarmos o marido de Ana Plácido e ela própria. Entretanto a mãe da noiva, Patrícia Emília, estabeleceu relações com um novo companheiro, desligando-se fisicamente em termos definitivos de Camilo.

É sabido que Camilo não aprovou, de início e durante anos, que a filha casasse com o abastado *brasileiro*, devido à diferença de idades, como confessa em carta que, datável de 20 de julho de 1874, dirigiu ao Visconde de Ouguela (Carlos Ramiro Coutinho, 1830-1897):

² Os abadessados eram momentos de eleição da nova abadessa ou de reeleição da cessante.

³ Na coletânea de poemas *Inspirações*, publicada em 1851, Camilo inclui um poema dedicado «À Illm.^a e Exm.^a Snr.^a / D. ANNA DELFINA D'ANDRADE. / ABADESSA RE-ELEITA / - Improviso - / No Mosteiro de S. Bento da Ave Maria da Cidade / do Porto, em Outubro de 1850».



Bernardina Amélia Castelo Branco
(Vila Real, 25 de Junho de 1848– 20 de agosto de 1931). Foto de 1853.

Texto 4

Amanhã vou ao Porto para acompanhar a minha filha e a minha neta à Póvoa. Não sei se sabes que tenho uma filha e uma neta. O meu genro é um argentário maior de 50 anos e de 200 contos. Impugnei este casamento, há 9 naos, receando que a diferença entre 16 e 40 anos abrisse um abismo entre os cônjuges. Felizmente que a minha filha saiu uma criatura angelical, e o marido é um excêntrico que a tem levado a viajar. Nunca falei com ele, desde que o vi em 1849, sair para o Brasil. Era filho de um desembargador. Levou 20 contos do seu património, e voltou rico. Viu a pequena na grade de um convento, e pediu-a a uma freira que ele presumia ser mãe da noiva. Como eu me opusesse ao casamento, solicitaram a licença da verdadeira mãe que existe em Vila Real, e casaram-se. Passados anos, fui, muito instado, ver a minha filha a uma quinta que habitava nos arrabaldes do Porto. Recebi-a na minha sege, e não lhe entrei em casa. Agora, creio que falarei com o marido, atendendo a que ele quis que a sua filha se chamasse *Camila*. É uma trigueirinha engraçada. Diz o Jorge que sendo eu avô dela, vem ele Jorge a ser o pai. Isto parece racional.

Isabel Cândida Vaz Mourão era irmã professa do Convento de São Bento de Avé-Maria. Não conhecemos as datas de nascimento e morte, de ingresso e profissão na ordem, nem a naturalidade, nem, mesmo, os nomes dos pais. O processo sobre a sua vida religiosa desapareceu.

Isabel Cândida não foi uma *soror* exemplar. Respeitaria pouco as regras monásticas. Terá sido repreendida, assim, por mau comportamento. Mas dizem os biógrafos de Camilo, quando acerca dela escrevem, que era uma freira rica, em moeda e bens, culta, que gostava de fazer versos e de conversar com poetas e *folhetinistas*. Mas não só. Manuel Tavares Teles, ao descrever o «estatuto social» do abastado e maduro *brasileiro* portuense Manuel Pinheiro Alves (1807-1868), anota, em rodapé (com base no *Periódico dos Pobres do Porto*, de 29/09/1851) a «coincidência curiosa» de os «dois primeiros directores» da Fundação Bicalho terem sido Bento Luís Ferreira Carmo, que foi amante da freira Isabel Cândida Vaz Mourão, e Manuel Pinheiro Alves, que foi marido de Ana Plácido.»

Alberto Pimentel (1849-1925), amigo de Camilo e de quem foi o primeiro biógrafo, revela ter-se encontrado, desde os 15 anos (1865), com a freira. Conta ele que, em consequência do casamento de Bernardina Amélia (1865), a jovem noiva abandonou o convento e a religiosa passou a ser professora de uma sua prima, Aureliana Coelho Bragante:

Texto 5

Muitas vezes acompanhei minha mãe e irmãs em visita àquela nossa parenta, que nos recebia na grade com a freira e nos regalava com rebuçados e *bonbons*. Outras vezes eramos convidados a ir lá almoçar e então também ia conosco meu pai, que salvara minha prima em doenças graves e tinha mais clientes de partido naquela comunidade.

Ah! quanto me lembro ainda desses almoços freiráticos, em que a doceria era selecta, o café e o chocolate primorosos, especialmente o chocolate, consistente e aromático, bem espanhol que tomávamos lardeando o com um delicioso pão de ló fofo e loiro.

Minha prima estimava verse rodeada de parentes, ria de vontade com os ditos de meu pai, que fora sempre um homem dotado de bom humor, e a freira D. Isabel Cândida conversava com animação e espirito, contando casos do convento e casos da cidade, como se conhecesse estes tão bem como aqueles.

Mas a freira era velha e feia, trigueira, angulosa e alta, tinha a voz forte, um nariz respeitável, e sombras de buço. Eu nunca pensei, nem o ouvi dizer a ninguém, que aquela mulher, tão balda de encantos feminis, pudesse haver inspirado atenções afectuosas a um homem vulgar, quanto mais a um homem superior, tal como Camilo Castelo Branco.

A vida conventual inspirou Camilo em livros como *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* (Silva, 2017).

Texto 6

Brígida apaixonou-se pelo seu poeta, e ele cegamente por Brígida, que, no tocante a cara, valia mais que Etelvina, se me é fiel a memória; de costumes, porém, devo crer que estivesse algum tanto estragada, apesar da pureza atmosférica do convento.

Devia ser ela quem animou Basílio ao destempero de saltar à cerca do mosteiro pelo lanço mais acessível da muralha. Foi ali pelo Postigo-do-Sol, entre a primeira e segunda ameia, que o temerário escalou o pomar, com ajuda de uma escada de pau, segurada por um caixeiro, já useiro e vezeiro de quejandos assaltos à ternura de outros tachos, abominavelmente viciosos.

O salto para o interior da cerca era sem risco. Basílio, às duas horas da manhã, estava nas hortas das freiras, orientando-se, segundo as indicações de Brígida, na portinha que devia encontrar cerrada.

O luar resplandecia como a luz do sol.

Costumava o pomareiro madrugar, em noites claras, para dar caça à toupeira que lavrava as hortas. O leitor do Rossio não sabe decerto o que é caçar toupeiras, e de sua ignorância lhe dou sinceros parabéns: sinal é que a sua vida corre saboreada entre as delícias urbanas da civilização, estranhas à rusticidade do trato aldeão, onde estas coisas de toupeiras se aprendem.

Abrira o hortalão a porta do seu casebre com ruído. Basílio cuidou que era Brígida, e alegrou-se; breve, porém, descortinou o vulto do homem e o roçar da sachola toupeiricida na tranqueira da porta.

Doeu-lhe a barriga de medo. Esta volta de intestinos – que é o que era – desmente algum tanto o ânimo afoito do invasor de mosteiros! Pensou em guindar-se ao ponto donde descera; mas o coadjutor do delito só, uma hora depois, convencionara passar a escada para dentro.

Corria rente com a muralha uma álea de árvores fruteiras. Basílio foi indo de gatinhas bem cosido com o muro em direção oposta à do hortalão, que tossia grosso para aliviar a garganta do pigarro da água-ardente. Ao cabo do renque de árvores, lobrigou Basílio um cardenho, que pegava com outros casebres do mosteiro. Arrastou-se até lá, e achou cerrada uma porta. Bateu-lhe o peito de júbilo, conjecturando que Brígida estava ali. Empurrou de mansinho a porta, e murmurou:

– Brigidinha!

Como não ouvisse resposta, cuidou que ela tivesse adormecido.

Abriu mais a porta, para caber. Os gonzos deram um som ríspido. Basílio estremeceu: foi que estrugiu lá no interior do casebre um estrídulo cacarejar de galinhas. Era a capoeira das monjas.

O hortelão, que ouvira os cacarejos, entendeu que a raposa entrara no galinheiro, e deu a correr na direção do cardenho. Viu-o Basílio, e teve segunda e maior dor de barriga. Transido de susto, aceitou a primeira lembrança que lhe ocorreu: enfiou pelo escuro dentro. O resultado foi que as espavoridas galinhas bateram as asas, esvoaçando contra as paredes. Uma, ou mais das aves, bateram-lhe em cheio na cara, arranhando-lha com as unhas. O infeliz acorrou-se a um cantinho, tremendo como varas verdes.

Chegou o pomareiro à porta, e bradou:

– Passa fora, diabo!

Basílio encolheu-se, e as galinhas debateram-se com redobrado pavor.

– Passa fora! – tornou o hortelão, batendo estrondosamente na porta com o olho da enxada.

As freiras, que moravam nas celas superiores à capoeira, como despertassem ao trom das pancadas, que ecoavam nos dormitórios, saltaram alarmadas dos seus leitos, e fizeram gritaria. As mais corajosas abriram as janelas que davam para o pomar, e chamaram o hortelão aflitas.

– Não é nada, senhoras! – disse ele. – sou eu que estou a espantar a raposa, que anda nas galinhas; mas o diabo, Deus me perdoe, ainda não saiu, e as aves saltam que tem coisa má! Se as senhoras mandassem uma candeia pela porta de lá, talvez que eu pudesse dar uma sacholada na raposa.

A priora, que estava a ouvir, mandou uma criada com uma lanterna abrir a porta, que comunicava da cozinha com a capoeira.

Basílio, quando ouviu o rodar das chaves de outras portas mais afastadas, julgou-se perdido.

O terror tem sido, algumas vezes, o mais avisado conselheiro nas angústias. Muitas vitórias, que a história atribui ao denodo dos generais, foi o ímpeto da resolução extrema do medo que lhas deu. A batalha das Canas, da Farsália, de Narwa, de Austerlitz sem o terror dos vencedores, seriam meros recontros sem consequências.

Camilo Castelo Branco (1863) *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*.

Texto 7

AILLUSTRISSIMA E
EXCELLENTISSIMA SENHORA
D. Anna Delfina de Andrade
ABBADESSA RE-ELEITA

IMPROVISO

No mosteiro de S. Bento da Ave
Maria da cidade do Porto, em
outubro de 1850

Entre os vates, que vieram,
E lindos versos fizeram,
Sou humilde trovador.
Eu fiz canções de tristeza,
Cedi á dôr que me pêza,
Paliando em magoas d'amor.

Raras vezes a alegria
Me sorriu na poesia
Sempre hervada d'agro fél...
Raras vezes, que a desdita
Se ledos versos excita,
Sao d'um sorriso cruel.

Mas não venho aqui contar-vos
Scenas, que nao podem dar- vos
Um momento de prazer:
Venho buscar um ensejo
De contar-vos um desejo,
Que no peito sinto arder.

É um desejo sagrado,
Dito em verso nao dourado,
Mas singello e franco sim:
É uma santa vontade.
Que não perde a magestade
Por ser sentida por mim.

Eu me prostro á clausura,
Onde vive a formosura
Em seu candor virginal:
Sinto amor, mas não da terra;
É sentimento que encerra
Vago celeste ideal.

Não tem voz a natureza,
Quando este amor de pureza
É todo filho do ceu.
É paixão que não insulta
O rubor na face occulta
Debaixo do casto veu...

Escutai a voz profana

Do que ousa erguel-a ufana
A's Esposas do SENHOR.
Quereis saber que deseja
Esta alma, que rasteja
Entre os espinhos da dôr?

É que a vossa idolatrada,
Augusta, e nobre Prelada,
Tantos annos viva ahi,
Quantos anjos hao de um dia.
Com seus hymnos de alegria.
Voar com ella d'aqui!

Camilo Castelo Branco (1851)
Inspirações.

Ponto 4 – Praça da Liberdade - Café Guichard

Até 1910, este logradouro chamava-se oficialmente **Praça de D. Pedro IV**, embora fosse popularmente conhecido como **Praça Nova das Hortas**. No tempo de Camilo, o largo era fechado a norte pelo palacete setecentista de Monteiro Moreira, onde funcionava a Câmara Municipal. Era aqui o coração do Porto. No centro da praça, tal como hoje acontece, encontrava-se a estátua equestre de D. Pedro IV⁴. *«Às cinco horas da manhã de hoje estava eu na Praça Nova, olhando para a estátua do imperador que ontem esteve alumado solenemente com lanternas de arraial»*,



Praça da Liberdade, que nesta altura se chamava Praça de D. Pedro, em finais do séc. XIX.

relata Camilo, numa carta de

10 de junho de 1878 endereçada ao seu amigo Carlos Ramiro Coutinho.

Sedes de jornais e de bancos, escritórios de advogados, estabelecimentos comerciais de prestígio, todos procuravam fixar-se nesta praça ou nas imediações. Era também aqui que se situava o **Café Guichard**, o café mais importante do Porto da primeira metade do século XIX. Foi um poiso de janotas, poetas, candidatos a escritores, dandys, burgueses. Todo, ou quase todo, o Porto da época por lá passou.

Pelo **Cancioneiro alegre** ficamos a saber que era lá que Camilo se reunia com os seus companheiros; em **Duas horas de leitura** descobrimos que foi aí que conheceu José Augusto Pinto de Magalhães, que viria a tornar-se num dos seus amigos mais íntimos. O café Guichard é, também, referido várias vezes nos **Serões de São Miguel de Seide**.



Pedro I de Brasil e IV de Portugal (Queluz, 12 de outubro de 1798 – Queluz, 24 de setembro de 1834). Retrato por Simplicio Rodrigues de Sá, c. 1830

⁴ **Pedro I de Brasil e IV de Portugal** (Queluz, 12 de outubro de 1798 – Queluz, 24 de setembro de 1834), cognominado «o Libertador», «Pai da Pátria» e «o Rei Soldado», O nome completo era Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança. Pedro passou a infância em Portugal, mas em 1807 acompanhou a família real na transferência da corte para o Brasil, motivada pela invasão napoleônica. A partir da Revolução liberal do Porto de 1820, tornou-se regente no Brasil, posição na qual se alinhou às elites locais contrárias à recolonização pretendida pelas Cortes portuguesas. Em 7 de setembro de 1822, proclamou a Independência do Brasil e foi aclamado imperador no mês seguinte. Seu governo enfrentou conflitos armados pela consolidação da independência, a Confederação do Equador e, posteriormente, a Guerra da Cisplatina, que resultou na perda da província homônima e na formação do Uruguai. Em 1826, após a morte de João VI, Pedro assumiu brevemente o trono português como Pedro IV, abdicando em favor de sua filha Maria II. O agravamento das crises políticas no Brasil levou-o a abdicar do trono brasileiro em 1831 e regressar à Europa, onde comandou as forças liberais na Guerra Civil Portuguesa. Pedro morreu em 1834, pouco depois da vitória liberal, sendo amplamente reconhecido pela historiografia como uma figura central na transição constitucional de Brasil e Portugal do absolutismo para regimes representativos.

Texto 8



Na Praça Nova, o Café Guichard na 3ª, 4ª e 5ª porta, a contar da esquina.

Evaristo Basto, primeiro folhetinista do seu tempo, Girão, o actual visconde de Benalcanfor, e eu tínhamos dias assinalados, ha vinte e quatro annos, de jantar no Reimão, na taberna de um maneta que levou d'este mundo o segredo da boa pescada com cebolas. Eram uns jantares que eu chamaria girandolas de espirito, se não fossem também de linguados fritos. Se, quando, depois, os quatro entravamos no Café-Guichard, entrasse Garrett connosco, elle, conforme á sua theoria de ajuizar das terras pelos botequins, diria: «Estou em Paris». Até dos brasileiros gordos extrahiamos ditos finos, como se de mexilhões se podessem tirar pérolas.

Camilo Castelo Branco (1887) *Cancioneiro alegre*.

Texto 9

Em 1849 era João Roberto de Araújo Taveira um dos mais galhofeiros e satíricos rapases da phalange do café Guichard — que eu chamaria uma colmeia onde se emmelavam doces favos de espirito, se aquelle botequim não fosse antes um vespereiro que desferia, ás revradas, ferretoando os bócios dos gordos philistinos da « Assembleia » e as macias espáduas lácteas das suas consortes no coração e nos ádypos.

Camilo Castelo Branco (1885) *Serões de São Miguel de Seide*.

Texto 10

Entre tantos assistentes a essa derradeira scena muda e cega que o corpo representa na crosta do planeta — n'esse berrado lyrismo de canto-chão que apenas tem para o morto a vantagem de elle o não ouvir — posso jurar que ninguem se lembrou do que foi no Porto, ha 35 annos, aquelle velho que ali está na eça, rigido e inflexo, amortalhado na toga de desembargador.

Em 1849 era João Roberto de Araujo Taveira um dos mais galhofeiros e satiricos rapazes da phalange do Café Guichard — que eu chamaria uma colmeia onde se emmelavam doces favos de espirito, se aquelle botequim não fosse antes um vespereiro que desferia, ás revoadas, ferretoando os bócios dos gordos philistinos da «Assembleia» e as macias espaduas lácteas das suas consortes no coração e nos adipos.

Foi João Roberto sempre magro e de feições angulosas, typo castelhano da raça mussulmana, olhos phosphorescentes e umas risadas estridulas quando tinha de castigar, rindo como Horacio, um inepto desvanecido ou victoriar uma boa e lusitana chalaça. A isso que hoje por ahi se inculca subtil remoque, arranque de espirito, chamavamos nós chalaças; e ás agudezas que actualmente celebrisam os Sternes e Pirons das Havanezas chamavamos, n'esse tempo, babuzeiras, provavelmente — umas facecias azedadas de velhice e expostas nos trottoirs betuminosos das tabacarias. Na mocidade de João Roberto e na minha, os estanques eram sentinas deleterias, umas colonias de microbios virgulados ainda

então ineditos, pestilenciaes escandalos onde os viciosos, por medo da opinião publica, não paravam. Os Contractadores do Tabaco eram umas especies peioradas de Mellos do Casação (Deus perdôe a todos!) que viviam medradamente das agencias d'aquelles bordeis de nicotina. A tabacaria ainda não tinha usurpado á botica a concorrência de individuos, pletoricos de anedotes lubricas, e archivistas dos máos costumes das familias de suas relações. A botica era o queimadeiro subalterno dos creditos, uma especie de patibulo succursal do Palheiro, grande centro constituido em uma sala especial da Assembleia da Trindade. Fazia-se ali a Pall Mall Gazette verbal do Porto, e esboçava-se a preexistencia do Daily News, de Chicago.

A maledicencia do Café Guichard era a vingadora das victimas do Palheiro em particular e da botica em geral. Nós profligavamos a corrupção dos velhos, a putrilagem purulenta que infeccionava, com a lingua, toda a florescencia das almas novas.

Compunha-se o Palheiro de veteranos estropiados, um contubernaculo de argentarios invalidos com femeas espaventosas muito communistas, egressos, causidicos, ornamentos da magistratura, e até desembargadores e bastantes conegos, todos cabralistas e alguns, salvo seja, catholicos. Contavam, á porfia, historias cantaridadas das Vénus au rabais da sua mocidade, rapaziadas terriveis, particularisando miudezas anatomicas, musculaturas, curvas de carne, boleios de quadris e maciezas de epiderme, como se do cranio de cada qual estivesse a explodir o futuro Zola.

Tal era o Palheiro, hoje provavelmente substituido atavicamente por uns calvos, com dentaduras problematicas, que, ha 35 annos, encalamistravam os bigodes e narcisavam as cabelleiras frisadas nos espelhos do Café Guichard. O certo é que o Palheiro subsiste. As trombetas do progresso ainda não vingaram baquear aquelle pedaço da velha Jerichó. É uma escrophula hereditaria do burgo de D. Moninho.

Camilo Castelo Branco (1885) *Serões de São Miguel de Seide*

Ponto 5 – Livraria Moré

Atravessando a avenida, na esquina oposta (entre o Palácio das Cardosas – atual edifício do Hotel Intercontinental) e o largo dos Loios ficava a **Livraria Moré**. Não só uma das mais importantes livrarias da cidade da época como a que publicou a primeira edição das obras *Amor de Perdição*, *Memórias do Cárcere*, *Romance de um homem rico*, *Doze casamentos felizes*, *No Bom Jesus do Monte*, *A sereia*, *Vaidades irritadas e irritantes* e *O conde*. Esta livraria,



A livraria Moré situou-se, no rés-do-chão, na esquina do prédio, à direita.

propriedade de Nicolau Moré, um ex-militar do batalhão francês que integrou as tropas de D. Pedro IV, reunia muita da elite portuense, sendo frequentada por muitos dos escritores da época, o que incluía naturalmente Camilo Castelo Branco. Esta livraria ficava, assim, na esquina do Largo dos Loios com o Passeio das Cardosas (atual Praça da Liberdade). Quando o proprietário faleceu (1861) a livraria passou a ser dirigida por José Gomes Monteiro que se tornou seu proprietário a partir de 1873, no entanto, o estabelecimento assumiu a designação de Livraria Viúva Moré (apesar de se acreditar que a viúva nunca esteve no Porto). Amigo de Camilo, Gomes Monteiro e João Nogueira Gandra (dono da Tipografia Gandra na rua de Entreparedes) vão ser os primeiros grandes editores, tendo publicado inúmeros livros de Camilo até 1881, altura em que encerrou definitivamente.

Os dois espaços de eleição de Camilo estavam ligados pelo Passeio das Cardosas⁵ que o escritor ironicamente rebatizou de «Pasmatório dos Loios⁶», «Real Clube dos Encostados» ou «Aquário dos Imbecis» dada a profusão de gente nesse espaço, em particular da burguesia que começava a crescer na cidade.

Aqui muito próximo residiu Camilo: na **travessa do Laranjal** e na **rua do Bispo** (nº 13) ambos arruamentos desaparecidos quando se rasgou a avenida dos Aliados. Quando regressaram de Lisboa, ainda como amantes, Camilo e **Ana Plácido**, hospedaram-se no **Hotel Cirne** que ficava na esquina da Praça de D. Pedro com a então Rua de Sá da Bandeira (atualmente Rua de Sampaio Bruno).

⁵ «O Arquitecto Marques da Silva desenha os edifícios da Companhia A Nacional e do Banco Inglês que, simetricamente a Poente e Nascente, marcam de forma ténue a separação dos dois espaços urbanos. O seu estilo influenciará todas as futuras construções na nova Avenida e na Praça. Aqui, à volta da estátua de D. Pedro, todas as casas serão demolidas ou alteradas, sobrevivendo apenas, como testemunho do século XIX, o «Passeio das Cardosas»,» (continua no livro) Marina Tavares Dia e Mario Moráis Marques (2002) *Porto desaparecido*.

⁶ A partir de 1850, começou o Palácio a ser conhecido como o Pasmatório dos Lóios, porque era para ali que marcavam encontro os dândis, os peralvilhos e os janotas da época para se mostrarem às meninas que iam à missa ou a «sabat mater», nos Congregados. Para estes ajuntamentos no pasmatório também contribuíam, e muito, a existência, ali muito perto, do botequim Guichard que fechou portas em 1857 e o botequim do Camanho que as teve abertas a partir de 1870.

Ponto 6 – Rua das Carmelitas, 144 - Livraria Lello (antiga livraria Chardron)

Esta livraria, atualmente uma das mais famosas do mundo graças à divulgação turística da cidade, teve origem na «Livraria Internacional de Ernesto Chardron», inaugurada em 1869, na Rua dos Clérigos, n.º 96-98. Antigo empregado da Livraria Moré, o francês Ernesto Chardron alcançou projeção como editor mas faleceu apenas com 45 anos de idade, altura em que a casa-editora foi vendida à firma «Lugan & Genelioux, Sucessores». Em 1891, a Livraria Chardron adquiriu os fundos de três casas livrarias do Porto, pertencentes a A. R. da Cruz Coutinho, Francisco Gomes da Fonseca e Paulo Podestá mas em 1894 Mathieux Lugan cede a sua quota a José Pinto de Sousa Lello –que tinha, desde 1881, uma livraria, nos números 18-20 da Rua do Almada. A 13 de janeiro de 1906 é inaugurado o novo edifício da Livraria Chardron, no número 144 da mesma rua (sua atual localização).



Apesar de ser propriedade dos irmãos José e António Sousa Lello, o estabelecimento vai manter a designação de Livraria Chardron até 24 de maio de 1919, altura em que passa a designar-se de «Livraria Lello e Irmão, Lda.», sendo hoje designada por Livraria Lello S.A.

A Livraria Chardron editou, durante 15 anos, muitos dos livros de Camilo: a rutura com o escritor dá-se quando, segundo Camilo, o editor decidiu meter-se na sua criatividade ao insinuar que ele devia escrever livros mais realistas. Enquanto Lugan & Genelioux esta livraria reeditou algumas das obras de Camilo quando ainda ele era vivo.

Ponto 7 – Antiga Cadeia da Relação do Porto

O edifício da **Cadeia da Relação do Porto** que presentemente alberga o Centro Português de Fotografia começou a erguer-se em 1765 e demorou vinte anos a concluir. Camilo esteve aqui preso por duas vezes, ambas por motivações amorosas.

A primeira, entre **12 e 23 de outubro de 1846**. O então amante e, mais tarde, marido da tia de Camilo (Rita Emília), João Pinto da Cunha⁷, acusou-o de lhe ter roubado 20 000 cruzados –acusação

injusta que foi, no entanto, mudada para «rpto de **Patrícia** executado por Camilo», **Patrícia Emília de Barros** era familiar da tia de Camilo, e por quem ele se apaixonara e que viria a ser mãe da sua filha Bernardina Amélia. João Cunha justificou a sua acusação caluniosa com o facto de pretender com ela obstar aquela ligação que viria a transformar Camilo num «desgraçado» (dado que ele nessa altura era ainda casado com **Joaquina Pereira**⁸).



⁷ João Pinto da Cunha e Rita Emília da Veiga Castelo Branco tinham casado pouco antes, em 23 de Março de 1846.

⁸ **Joaquina Pereira de França** nasceu a 23 de novembro de 1826 em Taralhão, distrito do Porto, sendo a mais velha de 6 irmãos. Os seus pais eram Sebastião Martins dos Santos (comerciante) e Maria Pereira de França. Veio para Friúme muito pequena com os pais, cujo objetivo seria fugirem do centro da cidade e das lutas liberais. Na altura, Friúme era uma aldeia importante e influente nas transações comerciais da região, sendo entreposto de recoveiros que asseguravam a circulação de mercadorias para Guimarães e Porto. Um facto que comprovava isso era a existência de Tabelião e Boticário. Enamorou-se de Camilo Castelo Branco (no município de Ribeira de Pena exerceu as funções de amanuense, primeiro e único cargo público remunerado que ocupou na sua vida), com o qual descobriu o amor nos recantos da aldeia e na ilha dos amores, contado em várias passagens na literatura de Camilo. Casou com Camilo Castelo Branco, aos 16 anos) na Igreja do Salvador, a 18 de agosto de 1841. Engravidou de Camilo Castelo Branco e teve uma filha, cujo nome era **Rosa Pereira de França Castelo Branco** (nascida em Friúme, Ribeira de Pena, a 25 de agosto de 1843, faleceu prematuramente com apenas quatro anos de idade). A filha nasceu na casa onde moravam, sendo nos dias de hoje o atual Museu Camilo Castelo Branco. Joaquina é lembrada muitas vezes na obra de Camilo, por ser uma inspiração. No entanto, ao longo das suas obras, Camilo também critica o amor proibido e casamento por conveniência. Quando ingressou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto para estudar Medicina, saiu de Ribeira de Pena e, crê-se, para nunca mais voltar. Também é provável que o futuro romancista tenha abandonado assim a esposa e a filha pequena. **Joaquina Pereira de França** faleceu em Friúme, Ribeira de Pena, a 25 de setembro de 1847, com 20 anos de idade. Na sua despedida fúnebre foi sepultada como pobre, contando também com uma missa cantada.

Alberto Pimentel (1916) *A primeira mulher de Camilo*, GUIIMARÃES & C.» — Editores.

Apesar de apenas ter vivido um curto espaço de tempo nas Terras de Basto, a maneira como o recorda nos seus romances deixa antever a importância dessa vivência na sua vasta obra: rever os locais de "Maria Moisés"; confrontar o solar da Olaria onde nasceu o "Santo da Montanha"; percorrer os espaços do "Fidalgo Mendigo"; visitar a Granja Velha onde Camilo estudou com o bom Padre-Mestre Manuel da Lixa; atravessar o Tâmega nas "poldras" onde Josefa se afogou; temer pelo aparecimento do "Fantasma do Capitão-Mor de Santo Aleixo de Além Tâmega" apreciar em Bragadas a magnífica porta que ele mais tarde recorda na "História de uma Porta"; olhar a Ponte de Cavez e a casa aí localizada referenciada no conto "Como Ela o Amava" de "Noites de Lamego" e num dos actos de "Lobisomem"; e visitar a capela da Nossa Senhora da Guia (incluída no sexto dos seus "Doze Casamentos Felizes")....

Patrícia Emília de Barros

Era órfã de pai e de mãe quando foi acolhida pela sua tia e madrinha Dona Rita Moreira, na sua casa de Vila Real de Trás-os-Montes. Aqui ocorriam, como na generalidade das casas ricas, noites festivas, a azorregar a monotonia de quem precisava de inventar distrações interessantes e de trocar ou alargar conhecimentos.

Participava ativamente nesses saraus Patrícia Emília, tocando piano e cantando. Também tinha aprendido a falar francês como era de bom tom para atavio de personagem social.

Dona Rita tinha, por amante, João Pinto da Cunha (Brocas), tio de Camilo, com quem mais tarde casaria. Quando este deixou Friúme, onde ficaram a primeira mulher e uma filha, refugiou-se em Vila Real. Entretanto a filha de primeiro casamento faleceu.

Camilo começou a frequentar aqueles saraus. Tinha ele 21 anos e Patrícia 20. Logo algo muito forte chispou entre eles. Ela nem era bonita nem elegante mas exalava uma atração, para ele, fascinante. Aliás o tempo haveria de demonstrar que outra mulher, que também não era adornada por beleza e muito menos por elegância, o haveria de arrasar emocionalmente, Ana plácido.

Então em Vila Real, nas circunstâncias referidas, Camilo lançou mais achas para a fogueira nascente, escrevendo um drama, *Agostinho de Ceuta*, onde Patrícia desempenhava papel relevante. Foi ensaiado e representado num velho pavilhão, conhecido pela «Casa da Torre», pertencente ao tio João.

Entre os dois jovens, ele com 21 anos, ela com 20, o tal «fogo que arde sem se ver», no caso, era bem visível, especialmente pela tia Rita. Começou a aperreá-los de tal jeito que nem para um beijo fugaz havia azo. Contudo a fogueira alastrava e o engenho camiliano foi posto à prova. A tia não logrou suspeitar do conluio de ambos para se sumirem no Porto. Isto logo no dia a seguir à apresentação da peça, dia 11 de outubro de 1864. O tio João, feridos os brios, queixou-se às autoridades, por via do seu representante no Porto e pediu a prisão de ambos por, como mais tarde haveria de justificar, perante a divulgação pública de que o par fujão tinha cometido crime de furto de joias e de baixela:

– O que se passou «é um rapto, não é um roubo. Para obstar a uma ligação que faria Camilo desgraçado invoquei um pretexto», Vila Real, 27 de fevereiro de 1849 (in o Rapto de Patrícia Emília, Bento da Cruz).

Camilo, mais tarde, comentou ironicamente estas declarações: – «Este bom homem (o tio) para me salvar de um enlace indiscreto ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como raptor de uma mulher sem pai e sem mãe que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e a não ser este delito eficaz



Joaquina Pereira de França
(Taralhão, a 23 de novembro de 1826 em - Friúme, Ribeira de Pena, a 25 de setembro de 1847)



Patrícia Emília do Carmo de Barros
(Vila Real, 28 de fevereiro de 1826 - 15 fevereiro 1885)

para a prisão requerida pelo meu tio (...), então autorizava o agente a queixar-se de que eu o esbulhara de ricos valores de joias e baixelas no valor 20 000 cruzados.» (Ob. e autor citado).

O certo é que os acusados estiveram presos desde 12 a 23 de outubro de 1864 até que a trama foi esclarecida e o par apaixonado concordou em voltar para Vila Real, separado, humilhado e naturalmente constricto (Manuel Tavares Teles in Camilo e o Teatro em Vila Real).

Entretanto Patrícia ficou grávida. Não obstante mal tiveram tempo para apagar o furor dos primeiros impulsos. A não ser que tivesse acontecido na cadeia algo de semelhante à segunda estadia de Camilo no mesmo local, mais tarde e de muito mais longa duração: Camilo e Ana Plácido podiam encontrar-se, de noite. As gentes de condição não iam para as generalistas enxovias.

Obviamente o tio fez uma incrível denúncia caluniosa que nem teve consequências, que se saiba!

No livro de entradas e saídas de presos na Cadeia da Relação, Tomo IV, pág. 168, arquivo atualmente na Cadeia de Custóias, consta o seguinte (atualizei a grafia):

«Entradas nestas cadeias em 12 de outubro de 1846, à ordem do juiz criminal desta cidade, entregues pelo oficial do mesmo Juízo, António José dos Santos: Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, que assim disse chamar-se, académico, solteiro, de idade de 21 anos, filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco e de Jacinta Emília Rosa do Espírito Santo, já defuntos, natural de Vila Real (o que não era verdade). De estatura regular, rosto comprido, olhos castanhos, cabelo e barba preta e esta pouca. Vestido com casaco e calça de pano preto, colete de seda também preto. Declarou que nunca esteve preso nestas cadeias e é arguido de suspeito de furto.

À margem: Malta. Solto em 23 de outubro de 1846 por alvará de soltura do mesmo juiz criminal.»

Imediatamente seguir:

«Patrícia Emília do Carmo, que assim disse chamar-se, solteira e que vivia da proteção de uma sua tia, de idade de vinte anos, filha de José Joaquim de Barros e de Ana Pereira de Sampaio, já defuntos, natural de Vila Real. De estatura regular, rosto comprido, olhos e cabelos castanhos. Vestida com vestido de chita escura e coberta com capinha de merino cor de vinho com riscas pretas. E declarou que nunca estivera presa nestas cadeias e é arguida de suspeitas de furto. À margem. Saleta. Solta em 23 de outubro de 1846.»

A segunda «estada» de Camilo na Cadeia da Relação foi entre **1 de outubro de 1860 e 16 de outubro de 1861**. Neste caso Camilo foi juntar-se a **Ana Plácido** que já estava presa desde 6 de junho desse ano, ambos acusados de adultério pois Ana era casada e Camilo foi acusado de ter «copulado com uma mulher casada e de a ter teúda e manteúda», Esta estadia forçada levou Camilo a ocupar o seu tempo (até porque tinha de continuar a sustentar a sua família) a escrever várias obras, das quais a mais famosa: *Amor de Perdição* –em apenas 15 dias. Aí escreveu também O Romance de *Um Homem Rico, Memórias do Cárcere*, aproveitando as suas novas vivências como fonte de inspiração. Durante esse período Camilo estava instalado no andar superior, no quarto número oito – quarto de S. João. Tratava-se de um piso de celas individuais destinadas apenas a «pessoas de condição» como era o caso de Camilo Castelo Branco. Durante o período que aí esteve retido (384 dias) recebeu duas vezes a visita do monarca D. Pedro V.

Ana Augusta Vieira Plácido⁹

Tornou-se conhecido o relacionamento adúltero de **Ana Plácido**¹⁰ e de Camilo. Consequentemente foi apresentada queixa contra eles pelo marido, Manuel Pinheiro Alves.

Tal queixa foi despachada pelo juiz a quem o processo foi distribuído, José Maria de Almeida Teixeira Queirós, pai de Eça de Queirós.

Nassa altura, só o adultério da mulher era punível. O homem casado podia ter as suas aventuras sem problemas, exceto se a mulher também fosse casada, como era o caso, respondendo então ele como cúmplice da adúltera. O juiz Queirós, em vez de avançar para a pronúncia com base na evidência da matéria de facto constitutiva de adultério, declarou-se impedido. O processo foi pois remetido ao juiz substituto que também se declarou suspeito. Enviados os autos a um terceiro juiz, apressou-se a exarar que não era permitido aos colegas anteriores declararem-se suspeitos.

Teixeira Queirós teve, pois, que assumir o processo:

«seria um contra-senso (grafia da época) inqualificável que esse homem (Camilo) que a teve (Ana Plácido) teúda e manteúda, já nesta cidade na Rua da Picaria, já em Lisboa e na Foz, que a foi tirar ao Convento da Conceição de Braga onde se achava, para assim continuar com ela uma vida de escândalo e imoralidade, que afeta a sociedade em geral, ficasse impune...»,

No rigor do direito probatório da época, só o adultério da mulher era punível. Mais: contra a adúltera todo o tipo de prova era admissível, fossem documentos, fossem testemunhas, fossem exames periciais. Relativamente ao homem cúmplice no caso, Camilo, já não era assim. Aqui só se admitiam dois tipos de prova: um era o



Ana Augusta Vieira Plácido ou **Ana Augusta**

(Santo Ildefonso, Porto, 27 de Setembro de 1831 – São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, 20 de Setembro de 1895)

⁹ **Ana Plácido** nasceu na Praça Nova, freguesia de Santo Ildefonso, no Porto. Era filha de António José Plácido Braga, natural de Braga, e de Ana Augusta Vieira, natural do Porto. Aos 19 anos, obrigada pelo pai, casou a 28 de setembro de 1850, na capela da Quinta de Villar de Allen, freguesia de Campanhã, no Porto, com o comerciante Manuel Pinheiro Alves (São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, abril de 1807 – Vila Nova de Famalicão, 15 de julho de 1863), filho de António Pinheiro Alves e Ana Maria Machado, 24 anos mais velho, que estivera emigrado no Brasil e onde fizera fortuna. Estabeleceram residência na Rua do Almada, no Porto.

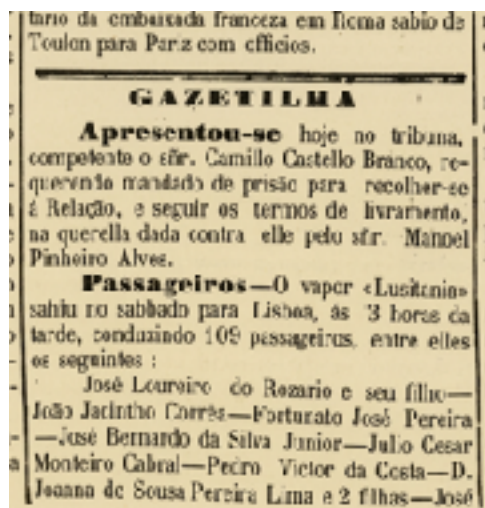
Em 1856, Ana Plácido, insatisfeita com o seu casamento, iniciou uma ligação adúltera com Camilo Castelo Branco. Em 1858 teve um filho, Manuel Augusto, reconhecido como sendo seu pelo marido Pinheiro Alves, mas que muitos autores especulam ter sido filho de Camilo. Obedecendo a ordens do marido, teve que se recolher no convento da Conceição (Regeneração) em Braga em Julho de 1859. Camilo foi diversas vezes a Braga para tentar encontrar-se com ela. Um dos meios que utilizou para contactar Ana Augusta foi o telegrama, mas para não despertar suspeitas utilizou um pseudónimo feminino, Ermelinda Pereira de Castro, até arranjar maneira de a fazer sair do convento, o que veio a suceder em Agosto desse ano..

¹⁰ Na Rua do Almada viveu Ana Plácido, primeiro no nº 28, com os pais, e depois no 378, com o marido, Manuel Pinheiro Alves, 24 anos mais velho do que ela. Aqui a namorou Camilo, e o destino havia de juntá-los, mais tarde, sob o tecto de um mesmo edifício das proximidades – a Cadeia da Relação, onde ambos estiveram encarcerados sob a acusação de adultério.

flagrante delito, especialmente se apanhados na cama e... nus! O outro tipo de prova era a existência de confissão exarada em documento escrito, em que se afirmasse e reconhecesse a estada na cama, mantendo relações.

Ana foi presa em 6 de junho de 1860. Camilo não foi logo encontrado. Andava desvairado, entre Fafe e a Régua, Vila Real, Penafiel, Guimarães, Taipas e Amarante. Acabou por se entregar à prisão em 1 de outubro de 1860.

No dia 15 de outubro de 1861 realizou-se o julgamento no referido tribunal criminal. A audiência demorou dois dias e interessou toda a cidade, campeando a emoção nascida dos factos e seus protagonistas. O júri absolvendo os dois¹¹.



Notícia saída no jornal sobre a prisão de Camilo.

¹¹ Depois de julgados e absolvidos, Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, tendo tido dois filhos, **Jorge Camilo Plácido Castelo Branco** (Lisboa, 28 de Junho de 1863 – 1900) e **Nuno Plácido Castelo Branco** (São Miguel de Seide, 15 de Setembro de 1864 – 1896). Com a morte do primeiro marido em 1863, **Manuel Augusto Plácido Pinheiro Alves** (Porto, 11 de Agosto de 1858 – Póvoa do Varzim, 17 de Setembro de 1877), o alegado legítimo filho de Pinheiro Alves, a herança do pai, tendo Ana Plácido sido a administradora dos bens. Camilo, Ana Plácido e os três filhos passaram a residir na casa de campo de Pinheiro Alves em São Miguel de Seide, que mais tarde ficaria conhecida como Casa de Camilo Castelo Branco. Camilo tinha então 38 anos de idade e Ana 32.

Jorge Camilo era declaradamente louco, com episódios violentos em que agredia os pais, tendo estado mesmo internado no Hospital de Alienados Conde Ferreira (de 2 de Agosto a 27 de Outubro de 1886) aos cuidados dos psiquiatras Ricardo Jorge, António Maria de Sena e Júlio de Matos, tendo sido considerado um doente irrecuperável. Terminou os seus dias num estado de apatia depressiva e de degradação (cuspiu a quem passava e impedia que lhe limpassem o quarto, despejando os dejectos no soalho).

Nuno Plácido viria a ser um estroina irresponsável, sempre metido em sarilhos sórdidos. Desordeiro, alcoólico, perdulário, viciado no jogo e incapaz de trabalhar, em 1881 casou-se por interesse com uma herdeira rica, **Maria Isabel da Costa Macedo** (1865–1884), que raptara, instigado e ajudado pelo seu pai Camilo. Com Maria Isabel da Costa Macedo teve uma filha que acabaria por morrer poucos dias depois da infeliz mãe, no Verão de 1884. Por via da morte da filha, Nuno herdou o remanescente da fortuna da mulher, que entretanto fora gastando na boémia continuada. No mesmo ano, ligou-se a **Ana Rosa Correia** (1862–1956), descendente de lavradores de Landim, com quem teria 7 filhos: Flora (1886), Camilo (1888), Nuno Plácido (1889), Raquel (1890), Simão (1891), Manuel (1893) e Estela (1895). Un deles, Plácido dedica o primeiro livro *Luz Coada por Ferros* à irmã Maria José, que viria a morrer de tuberculose tal como alguns dos seus irmãos.

Em 9 de Março de 1888, finalmente Camilo e Ana casaram-se, na Rua de Santa Catarina, freguesia de Santo Ildefonso, no Porto. Camilo Castelo Branco, atormentado pela cegueira e paralisia resultantes da sífilis de que sofria havia anos, suicidou-se em 1890.

Ana Plácido colaborou em diversas publicações, nomeadamente na *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859–1865), em *O Atheneo* (1859–1860) e na *Gazeta Literária do Porto* (1868). Foi tradutora, ainda que sejam anónimas por ser prática comum na época essa função. Publicou *Luz Coada por Ferros*, (1863), *Herança de Lágrimas* (1871, com o pseudónimo Lopo de Sousa) e *A Promessa* (1873, com o pseudónimo Lopo de Sousa).

Ana Plácido morreria na noite de 20 de Setembro de 1895, em casa do filho Nuno, Visconde de São Miguel de Seide, no lugar do Cruzeiro, em São Miguel de Seide. Foi inicialmente sepultada em jazigo de família no Cemitério de Vila Nova de Famalicão e, na primeira metade do século XX, trasladada para o novo cemitério da cidade, onde ficou em campa rasa. Em 2015, a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão construiu um jazigo no cemitério de São Miguel de Seide, para onde foram trasladadas as ossadas de Ana Plácido.

Camilo dedicou a Ana este poema em 1857:

Texto 10

Amor infinito e imaculado

Querida, o teu viver era um letargo,
Nenhuma aspiração te atormentava;
Afeita já do jugo ao duro cargo,
Teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
De novas sensações; teu peito ansiava
Ouvindo-me contar entre carícias,
Do livre e ardente amor tantas delícias!

Não te mentia, não. Sentiste-o, filha,
Esse amor infinito e imaculado,
Estrela maga que incessante brilha
Da alma pura ao casto amor sagrado;
Afeto nobre que jamais partilha
O coração de vícios ulcerado.
Não sentes, nem recordas, já sequer?
Quem deste amor te despenhou, mulher?

Eu não! Se muitos crimes me desluzem,
Se pôde transviar-me o seu encanto,
Ao menos uma só não me recusem
Uma virtude só: amar-te tanto!
Embora injúrias contra mim se cruzem,
Cuspindo insultos neste amor tão santo,
Diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
O opróbrio aviltador da sociedade.



Nas *Memórias do cárcere*, descreveu as duras condições da prisão:

Texto 11

Não estranhei o ar glacial e pestilento, nem as paredes pegajosas de humidade, nem as abóbodas profundas e esfumeadas dos corredores, que me conduziram ao meu quarto.

Em 1846 estive eu preso ali, desde nove até dezesseis de outubro. Foram sete dias de convivência com sujeitos conversáveis, que entraram comigo, ou poucos dias antes, por cúmplices na contrarrevolução, baldada pela captura do senhor duque da Terceira. Fora então meu companheiro de quarto um correligionário de Mac-Donnell, filho de Braga, excelente criatura, que me emprestou cinco cruzados novos, quando me viu desbaratar no jogo os últimos cobs de dez moedas, que eu levava para matricular-me no primeiro ano jurídico. Ganharam-me as dez moedas umas pessoas de grave aspeto, que, segundo ouvi, eram altamente graduadas nas coisas da república, e muito conversáveis, como já tive a honra de dizer.

No termo de sete dias deixei esta amorável companhia, e esqueci depressa o episódio dos meus vinte e dois anos. Quando, porém, contemplo uma filha que tenho, ainda me lembro dele. Hei de levá-la uma vez à cadeia, e dizer-lhe: «Tua mãe esteve naquele quarto.» Esta lição em silêncio, no limiar do mundo, há de aproveitar-lhe mais que a Introdução à vida devota, ou os exercícios espirituais das irmãs da caridade.

Camilo Castelo Branco (1862) *Memórias do cárcere*

Aqui conheceu personagens como António José Coutinho, falsificador de moedas que inspirou Camilo no enredo de *O romance de um homem rico*; José Maria de Sousa, o general Caneta, que recordará em *Maria da Fonte*, e o célebre salteador José do Telhado, que prometeu defendê-lo enquanto estivesse na prisão. Retribuindo o favor, Camilo partilhou com o salteador o seu advogado de defesa, Joaquim Marcelino de Matos, pai do conhecido médico psiquiatra Júlio de Matos (Cabral, 1988).

Texto 12

Defrontava com o meu quarto o de António José Coutinho.

Era a mais bela e majestosa cabeça de velho que ainda meus olhos viram!

Raros cabelos lhe orlavam o crânio; e, à minguia deles, sobressaía a ampla e brunida fronte. Em espirais de neve lhe serpeavam sobre o peito as barbas, que ele trazia sempre cuidadas e escovadas com o esmero de homem que todas as manhãs tinha a cumprir uma visita cerimoniosa. Era eu o preso visitado.

A medianeira, que nos servira a ambos, para nos relacionarmos, fora Minerva.

— A deusa da ciência?! — acode o leitor — Teremos algum quadro mitológico, ou dar-se-á caso de estar a divindade da sabedoria pagã presa, na Relação do Porto, por vadia, nesta época em que ela não tem que fazer, nem quem a conheça e abone no governo civil?

— Não, senhores; não era a deusa do Olimpo; era uma cadela chamada Minerva, nome este que até já anda pelos cães.

Hei de deter-me a falar nesta cadelinha nas três seguintes páginas. Neste aviso, dou aos meus colegas romancistas um bom exemplo. Todo o escritor sincero deve prevenir o seu leitor das estafas, que lhe estão iminentes. Aos aborrecidos de episódios caninos digo eu que saltem em claro as três páginas.

Quando, em 1855, foi preso António José Coutinho, e recolhido ao segredo da Relação, a cadelinha, que tinha então um ano, acompanhou-o, e deitou-se gemente à porta do segredo. Ali passou o primeiro dia e a primeira noite; porém, como o preso devia estar tempo indefinido ali, o guarda, a pedido dele, levou a cadela para casa de uma família, que lhe ministrava o alimento.

Depois de dezessete dias e dezesseis noites de cárcere inco- municável, saiu Coutinho da caverna para um quarto de malta, e pediu licença para ter consigo a cadela. O carcereiro era humano, e permitiu que Minerva visitasse seu amo. Era ela da inteligentíssima raça d' água, como se diz. Amestrada por alguém, saía todos os dias à tenda e ao açougue onde lhe confiavam os alimentos para o dono.

Coutinho cuidava da sua amiga, como quem não tinha quem tanto lhe quisesse. Dava-lhe o mais macio do seu magro colchão, metade do seu jantar, aquecia-lhe à noite o caldo, e de três em três dias a ensaboava em banho de água tépida, e lhe

desenriscava os velos do pelo. Coutinho, como é de ver, tinha muitas horas de abertura d' alma, em que rompia em gemidos, e lágrimas lhe saltavam. Minerva contemplava-o naquela ansiedade, erguia-se até lhe assentar as mãos no seio, recebia ganindo brandamente os carinhos, e lambia-lhe as lágrimas.

Camilo Castelo Branco (1862) *Memórias do cárcere*.

Texto 13

O Rei apareceu inopinadamente à porta da cadeia.

O carcereiro era um alferes dos veteranos...

... D. Pedro V correu-o com os olhos, e disse:

– Conduza-me às enxovias.

Abriram-se os alçapões dos calabouços...

Sua Majestade desceu rapidamente, como se pisasse os tapetes das marmóreas escadarias dos régios paços. À sua chegada uns presos petrificaram, outros ajoelharam, e alguns, voz em grita, pediam a liberdade...

... Passou Sua Majestade à enfermaria dos presos, e à das presas, em seguida. Na extrema desta há uma porta que se abre para o quarto de uma senhora, que ali estava presa.

– Que é ali dentro?

– Saberá Vossa Majestade – disse o carcereiro – que é o quarto da senhora [D. Ana Plácido].

O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor aonde tinha a seu asilo de trabalho.

Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.

D. Pedro V cumprimentou a presa, perguntando-lhe o tempo de sua prisão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a idade. A mãe respondeu pela criancinha, e o rei deteve-se a contemplar a infeliz. Ao lado do monarca compungido estava o marquês de Loulé, pensando, porventura, que naquele dia tinha de banquetear-se no palácio de uma irmã daquela encarcerada. Saiu Sua Majestade e, ao descer as escadas, proferiu as palavras iniciais deste capítulo:

Isto precisa de ser completamente arrasado.

Camilo Castelo Branco (1862) *Memórias do cárcere*.

Texto 14

Eu tinha sido preso a requerimento da minha família quando ia para Coimbra continuar no Pátio as minhas explorações científicas, bebendo nos mananciais latino e retórico do padre Cardoso e do padre Simões, Deus lhes fale na alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois anos depois, farejaram delitos execrands na causa misteriosa daquela prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião pública do botequim Guichard e da Águia e das Hortas, mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura houvesse por bem explicá-la. (...) O benfeitor que me tinha feito prender

respondeu assim nos jornais de 1849 à minha solicitação: «Sr. Redactor: Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas: Quem fez prender na Relação dessa cidade Camilo Castelo Branco, fui eu que sou seu tio. A causa por que eu o prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. É um rapto, não é um roubo. Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado, invoquei um pretexto. (...) Vila Real, 27 de Fevereiro de 1849. João Pinto da Cunha.» Este bom homem para me salvar dum enlace indiscreto ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como raptor de uma mulher sem pai nem mãe que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delito eficaz para a prisão requerida por meu tio, como se eu fosse o raptado, então autorizava o agente a queixar-se de que eu o esbulhara de ricos valores em jóias e baixelas, 20.000 cruzados, calculava-se no botequim Guichard. Provavelmente, se eu teimasse em matrimoniar-me honradamente com a raptada, seria pronunciado como ladrão de jóias e baixelas, 30.000 cruzados, computava o botequim da Águia. Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que saí do cárcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador... Mas que saudades eu tenho daquelas jóias e baixela – 50.000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das Hortas. Para mim, Camilo a escrever é uma sereia a cantar. Ouço,

Camilo Castelo Branco (1885) *Maria da Fonte*.

Aqui, supostamente em apenas quinze dias, escreveu o *Amor de perdição*, o livro mais popular de Camilo e o que mais traduções teve. Trata-se de uma biografia romanceada de Simão Botelho, seu tio paterno, que também estivera preso na Cadeia da Relação antes de ser degredado para a Índia.

A cadeia para ele é um gabinete de trabalho e uma sala de visitas. Recebe muito e obtém licença especial para poder sair diariamente, durante algumas horas, 'por motivos de saúde'. Levam-lhes álbuns para autografar, escreve para jornais do Porto sobre acontecimentos em Lisboa e para jornais de Lisboa sobre acontecimentos no Porto! Está bem informado. Joga o peso da sua influência com o peso das influências de ouro de Pinheiro Alves. Por duas vezes o visita D. Pedro V.

A cela ocupada por Camilo, no último andar do edifício da antiga Cadeia da Relação, está hoje preservada e devidamente assinalada.

Texto 15

O carcereiro recebeu respeitosamente o preso, e alojou-o num dos quartos melhores do cárcere; mas nu e desprovido do mínimo conforto.

Um outro preso emprestou-lhe uma cadeira de pau. Simão sentou-se, cruzou os braços e meditou.

Pouco depois, um criado de seu pai conduziu-lhe o almoço, dizendo-lhe que sua mãe lho mandava a ocultas, e entregando-lhe uma carta dela, cujo conteúdo importa saber. Simão, antes de tocar no almoço, cujo cabaz estava no pavimento, leu o seguinte:

"Desgraçado, que estás perdido!

Eu não te posso valer, porque teu pai está inexorável: As escondidas dele é que te mando o almoço, e não sei se poderei mandar-te o jantar!

Que destino o teu! Oxalá que tivesses morrido ao nascer!

Morto me disseram que tinhas nascido; mas o teu fatal destino não quis largar a vítima (3).

Para que saíste de Coimbra? A que vieste, infeliz? Agora sei que tens vivido fora de Coimbra há quinze dias, e nunca tiveste uma palavra que dissesses a tua mãe!”

Simão suspendeu a leitura, e disse entre si:

- Como se entende isto?! Pois minha mãe não mandou chamar o João da Cruz! E não foi e]a quem me mandou o dinheiro?

- Olhe que o almoço arrefece, menino! - disse o criado. Simão continuou a ler, sem ouvir o criado:

"Deves estar sem dinheiro, e eu desgraçadamente não posso hoje enviar-te um pinto. Teu irmão Manuel, desde que fugiu para Espanha, absorve-me todas as economias - Veremos, passado algum tempo, o que posso fazer; mas receio bem que teu pai saia de Viseu, e nos leve para Vila-Real, para abandonar de todo o teu jugamento à severidade das leis.

Meu pobre Simão! Onde estarias tu escondido quinze dias?! Hoje mesmo é que teu pai teve carta dum lente, participando-lhe a tua falta nas aulas, e saída para o Porto, segundo dizia o arreeiro que te acompanhou.

Não posso mais. Teu pai já espancou a Ritinha, por ela querer ir à cadeia. Conta com o pouco valor da tua pobre mãe e ao pé dum homem enfurecido como está teu pai”

Simão Botelho refletiu alguns minutos, e convenceu-se de que o dinheiro recebido era de João da Cruz. Quando saiu com o espírito desta meditação, tinha os olhos marejados de lágrimas.

- Não chore, menino - disse o criado. - Os trabalhos são para os homens, e Deus há de fazer tudo pelo melhor. Almoce, senhor Simão.

- Leva o almoço - disse ele.

- Não. Nem volte aqui. Eu não tenho família. Não quero absolutamente nada da casa de meus pais. Diz a minha mãe que eu estou sossegado, bem alojado, e feliz, e orgulhoso da minha sorte. Vai-te embora já.

Camilo Castelo Branco (1862) *Amor de perdição*.

Ponto 8 — Largo Amor de Perdição.

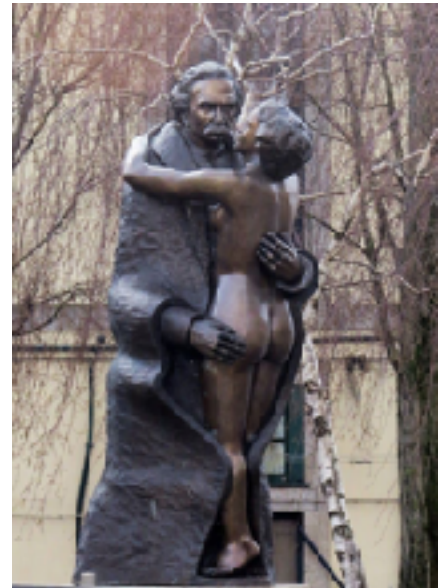
Em 2012, ano em que se comemoravam os 150 anos da obra de Camilo, Rui Rio, então Presidente da Câmara do Porto, aprovou mudança toponímica do Largo da Cadeia da Relação para **Largo Amor de Perdição**, onde foi instalada a estátua de bronze "Amores de Camilo", doada pelo autor, o escultor Francisco Simões.

A obra representa o escritor sobriamente vestido ao gosto oitocentista e abraçado a uma mulher jovem, nua, numa alusão aos seus múltiplos amores, como, aliás, o título indica de forma clara e literal. Trata-se, portanto, de uma figura alegórica do amor, não da representação de Ana Plácido. Além de homenagear um dos maiores vultos da literatura portuguesa, a estátua confere sentido ao local e evoca a sua memória.

Passados 11 anos após a sua instalação, a polémica em torno da estátua no Largo Amor de Perdição começou com uma petição 37 "ilustres" signatários para retirar, do espaço público do Porto. Entre os argumentos invocados está o "desgosto estético" e a "desaprovação moral" dos signatários face ao "ultraje" da representação de Camilo Castelo Branco abraçado a uma mulher nua, considerado "um exemplar mais ou menos pornográfico". Pediam, por isso, "o favor higiénico de mandar desentulhar aquele belo largo de tão lamentável peça e despejá-la onde não possa agredir a memória de Camilo".

O presidente da Câmara Municipal do Porto considerou o mérito dos signatários, entre os quais "os dois maiores críticos de arte da cidade do Porto", o historiador Bernardo Pinto de Almeida e o curador Miguel Von Hafe Pérez, e ordenou a retirada da estátua. Até porque o próprio reconhece que os signatários "reflectem um sentimento relativamente àquela estátua que corresponde ao meu" e acha que "aquilo é feio e de mau gosto". Rui Moreira justificou a decisão, alegando a inexistência de "deliberação municipal para erigir tão deselegante obra". Confrontado com a existência de outra petição, desta vez, a pedir a permanência da estátua no sítio e já com milhares de subscritores, Rui Moreira assumia que essa era uma decisão sua, sem necessidade de consulta pública.

Instalada a polémica, afinal, verificou-se que a estátua não pode ser removida porque, tal como é referido em nota divulgada pela autarquia, "Ao contrário da informação que estava na posse do presidente da Câmara do Porto, a doação [da estátua] previa também a colocação da estrutura no Largo Amor da Perdição, doação essa que tinha sido aprovada pelo Executivo Municipal em 2012"¹².



Amores de Camilo
Francisco Simões, 2012

¹² Maria Isabel Roque (2023) "Questões de mau gosto e sentido moral como argumentos censório" in amusearte.hypotheses.org/10033, 16/09/2023.

Ponto 9 – Hospital de Santo António

O corpo sul do **Hospital de Santo António** (antes Hospital da Misericórdia) acolhia a **Escola Médico-Cirúrgica**. Camilo frequentou o curso de Anatomia na Escola Médico-cirúrgica dois anos, 1843/44 e 1844/45, tendo perdido o 2º ano por faltas. A sua experiência de estudante é recordada, com alguma efabulação, em *A filha do doutor negro* (1864), *Cavar em ruínas* (1867), *O general Carlos Ribeiro* (1884) e *Serões de S. Miguel de Seide* (1885).



Hospital de Santo António acolhia a **Escola Médico-Cirúrgica**

Texto 16

O meu condiscípulo

Ha vinte e dous annos!...

Lembranças da minha vida de ha vinte e dous annos!...

Isto é que é um triste e verdadeiro cavar em ruínas!...

Estudava eu chimica na academia do Porto.

De dous condiscípulos somente me recordo bem. Um era o melhor estudante; o outro, ultimo da lista, seria o peor do curso, se eu lá não estivesse. O primeiro era pharmaceutico: chamava-se Francisco Pereira de Amorim e Vasconcellos. O outro era alferes de infantaria, filho de gente notavel do Porto, duelista, paralta, galã de muito boas tretas... chamava-se Antonio Augusto de Macedo Passos Pimentel. O seu mais amigo condiscípulo devia ser o mais inimigo da chimica: era eu. O nosso lente, o senhor frei Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto, nunca teve o gosto de nos ouvir. Quando nos chamava, ou não nos via, ou nós não tinhamos visto o compendio, que por signal se chamava o Lassaigue, parece-me que era: pela orthographia do nome não fico. Fugiamos da aula de cócoras, quando o sol de Deus nos estava incitando á rebellião. Com que tristeza eu via o sol e invejava a minha vida lá das serras d'onde viera a estudar o sesquioxido de ferro e o bicarbonato de soda n'aquellas frias salas do convento da Graça! O meu condiscípulo Passos abundava nas minhas ideias lyricas acerca do sol. E por isso fugiamos ás recuadas, quando o nosso condiscípulo pharmaceutico tinha absorvidas as atenções com a sua eloquencia recamada de protos, de deutos, de itos, de sesqui, de pilhas, de retortas, e varias coisas com que os homens entretêm a vida para não morrerem de tedio.

Ainda me lembro d'outro condiscípulo, homem feito, já medico-cirurgião n'esse tempo, sujeito grave que não nos dava importancia como quem receiava pegar-se da gafa da nossa vadiagem e rapazice. Era o senhor José Barbosa Leão, hoje jornalista, já duas vezes secretario geral do governo de Moçambique, pessoa de muito juizo, muita prudencia, e bom amigo de toda a gente, segundo entendo.

Camilo Castelo Branco (1867) *Cavar em ruínas*

Texto 17

Carlos Ribeiro não andou toda a vida, como Boucher de Perthes, a esgaravatar nas camadas do globo a certidão de idade do homem. Também elle borboleteou á flôr da terra, com as azas polvilhadas dos matizes da alegria juvenil, os seus devaneios.

Entre os 15 e 16 annos, fingia eu que estudava chimica na Polytechnica do Porto. Carlos Ribeiro, n'aquelle anno, 1844, já tenente, com 30 annos de idade, completava mathematicas com sinceridade e aproveitamento. Era de estatura mediana, refeito, de espaldas fortes, rosto redondo, purpurino, com um pequeno bigode cortado na commissura dos labios muito nacarinos. Grave nas fallas, muito delicado em conselhos e atençaes com os cabulas; e sympathisava com a minha modesta ignorancia que elle, confessando a actividade funcional do meu cerebro, ingenuamente attribuia a eu não possuir compendio de chimica,—uma coisa bastante necessaria a quem se matricula. Era o Lassaigne—parece-me ser este o nome do sabio naturalista, que alguns condiscipulos generosos me emprestavam á porta da Academia, quando se avistava o lente, um ex-frade, Santa Clara, contemporaneo de Orfila, Berzelius e Liebig. Por que mãos sagradas andava então a chimica portugueza!

Aproveito a occasião para agradecer aos que ainda vivem, se algum vive, a gentileza do seu emprestimo, para que eu, em honra do frade, sahisse crystallinamente e triumphantemente do meu acto de chimica sem a macula de um R.

Já divulguei em um livro este caso á Europa culta.

Camilo Castelo Branco (1867) *Cavar em ruínas*

Texto 18

O órgão que o senhor António respeitava mas na sua economia eram os bofes, de que se queixava pondo a mão no estômago. Naturalmente supunha que tinha o fígado no peito. Era um erro de anatomia desculpável. Eu próprio, que já tive a honra de vos dizer que sei tudo e mais alguma coisa, não tenho a absoluta certeza da colocação do fígado, suposto que fui em anatomia estudante profundo, a ponto de querer provar que o duodeno (tripa de doze polegadas) tinha, pelo menos, trinta e duas braças. E ainda hoje estou nisto, diga lá o que disser Bichat, e Soares Franco.

Camilo Castelo Branco (1854) *A filha do arcediogo*

Um episódio pouco conhecido da vida de Camilo Castelo Branco é o facto de ele, em 1857, se ter candidatado a regente da recém-criada cadeira de Economia Política, na Academia Politécnica. Mas, também aqui, Camilo fracassou nos seus intentos.

Ponto 10 – Antiga Academia Politécnica

No edifício atualmente ocupado pela **Reitoria da Universidade do Porto**, no tempo de Camilo, estava instalada a **Academia Politécnica**. Camilo prestou provas de Gramática e Língua Latina, Gramática e Língua Francesa, Filosofia Racional e Moral no Liceu Nacional do Porto. Obtendo aprovação, em 1843, inscreveu-se na Academia Politécnica, nas disciplinas de Química e Filosofia. No ano seguinte inscreveu-se em Botânica. Com a criação da Universidade do Porto, em 1911, a Academia Politécnica foi desmembrada e parcialmente integrada na nova Faculdade de Ciências, onde surgiram secções de Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Histórico-Naturais.



Reitoria da Universidade do Porto, no tempo de Camilo, estava instalada a **Academia Politécnica**.

Referência à **rua de Cedofeita** onde residiu o casal quando Ana Plácido deixou Manuel Pinheiro Alves.

Texto 19

Soou a hora do acto. Já de antemão os condiscípulos me davam pêsames : dizia-se que eu, além de ser um parvo chimicamente failando, tinha quarenta e oito faltas, afora vinte e duas abonadas, sete negas e cinco fugidas.

O senhor Santa Clara estava na presidência com ai' fúnebre. O meu consócio do holocausto entrou como moribundo que não pudesse morrer sem fazer acto de chimica. Eu ia alegre com a minha sciencia e três caUces de licor de canella.

Que acto eu fiz 1 Desenruei a fronte do lente, enchi de jubilo os arguentes, espantei os condiscípulos e fui aprovado nemine discrepante. E o que mais é, salvei o meu condiscípulo, que tinha sido menos boçal do que eu, e frequentara exemplarmente... os bancos da aula. Se eu não fui reprovado, fora escandalosa a reprovação do outro. Deram-lhe um r, que elle agradeceu com o coração nos lábios, não maculados de uma só palavra escoreita em matéria de chimica.

Amorim abraçou-me, levantou-me á altura da sua óptima cabeça e disse-me:

— Se não fossem as negas e as fugidas, o premio devia ser seu!

Camilo Castelo Branco (1867) **Cavar em ruínas**

Ponto 11 – Grande Hotel de Paris - Rua da Fábrica, 27-29

Em 1849, Camilo está no Porto, alojado, no Hotel Francês, um velho palacete setecentista, que acomodava no piso térreo a redação do Jornal *O Nacional*.

A Hospedaria Francesa, fundada em 1846, mudou para a designação atual em 1877, tendo também mudado a sua localização pois inicialmente situava-se na Praça da Batalha, na esquina com a rua de Cimo de Vila, vindo mais tarde a ocupar as atuais instalações, na rua da fábrica. Um dos administradores é Ernesto Chardon, dono da Livraria com o mesmo nome e que atualmente se designa por Livraria Lello. Camilo instalou-se nesta Hospedaria quando veio pela primeira vez viver para o Porto. No rés-do-chão do edifício funcionou o Jornal *O Nacional*, com o qual Camilo colaborou durante muito tempo. Outras personalidades da cultura portuguesa do século XIX hospedaram-se no Grand Hotel de Paris, como os escritores Eça de Queirós, Guerra Junqueiro ou Rafael Bordalo Pinheiro (artista conhecido pela sua ilustração, caricaturas, esculturas e desenhos de cerâmica, é considerado o primeiro criador de banda desenhada português).



Sobre o seu quarto neste hotel, Camilo escreveu:

Texto 20

(...) o ar do meu quarto incomodava os hóspedes. Eu tinha dez jarras de flores sobre uma estante de livros, sobre a banca de escrita, e à cabeceira do meu leito (...). Era um lindo quarto, o meu, lindo e rico de tantas porcelanas e flores que vinham cada manhã duns hortos d'Arminda onde as cultivava uma alma que as entendia e com elas falava.

Era um lindo quarto o meu, lindo e rico de tantas porcelanas, e flores que vinham cada manhã d' uns hortos d'Armida onde as cultivava uma alma que as entendia, e com ellas fallava.

Vinte annos depois os olhos da minha saudade vão á rua da Fabrica, e procuram o hotel francez.

Camilo Castelo Branco (1870) *A Mulher Fatal*.

Neste local, trabalhou também a famosa cozinheira **Gertrudes**, muito referenciada por Camilo. Em 1849, a cozinheira Gertrudes salvou de morte certa o jovem Camilo Castelo Branco, à data gazetilheiro de *O Nacional*, propiciando-lhe uma dieta de mão de vaca, bifes de presunto de Melgaço, troixas de recheio e melão.

Gertrudes desapareceu nas águas do Douro, no Cachão da Valeira, no dia 12 de Maio de 1861, no naufrágio em que desapareceu o barão de Forrester. Pois só em 1884, trinta e cinco anos (35) passados sobre a fausta salvação e vinte e dois (23) sobre a infausta morte da salvadora, o célebre escritor pagou a dívida de gratidão contraída nos tempos de juventude.

Texto 21

Pois foi uma pêrda insubstituível. Era a Gertrudes, um thesouro de joias culinárias que a voragem enguliu. Foi esta mulher uma alma transmigrada das refinadas civilizações pagãs, a metempsychose de algum genio do lar que presidira às ucharias da Roma dos Cezares. Foi a cozinheira primacial do Porto, onde residia. Tinha sido chamada por D. Antonia Ferreira para dirigir os jantares dados ao barão de Forrester, no Vesúvio.

Ali acabou. O rôlo de uma onda regeitou-a morta contra um lapêdo carcomido de cavernas sonoras a gottejar o lodo da babugem. (..)

Quando li a notícia da morte de Gertrudes, e não pude duvidar que a naufragada era a minha restauradora, meditei solver a minha dívida de gratidão com um artigo necrológico, por não ter suficiente confiança na utilidade de uma missa de requiem, a doze vinténs, vinho por conta do padre.

Eu tinha pertencido por algum tempo a uma sociedade de homens de letras, quase exclusivamente dedicados à especialidade necrologias de "defuntos ilustres". Éramos os gatos-pingados do Baluarte.

Pois, Tomás Ribeiro, não pude redigir a necrologia de Gertrudes!

Queres saber por que não escrevi a necrologia da humilde mulher que me salvou? — foi por que ela me salvou como cozinheira.

Camilo Castelo Branco (1884) *O vinho do Porto: processo de uma bestialidade inglesa.*

Ponto 12 – Moreira da Costa Alfarrabistas



Inaugurada em 1902 por um antigo funcionário da Livraria Ernesto Chardron, a antiga livraria Moreira da Silva era local de encontro dos camilianistas do Porto e, em 1952 promoveu um facsímile do romance *A Infanta Capelista*, uma obra que tinha sido retirada do prelo pelo próprio.

Os seus descendentes empreenderam uma ação judicial contra essa edição, não restando por isso senão uns raríssimos exemplares da

referida obra.

Texto 22

Eram todos os meus interlocutores naquela noite mais ou menos republicanos.

Havia tal que dizia acreditar na metempsicose, porque sentia dentro do seu ventre os fígados de Robespierre; e outro, que arredondava musicalmente os períodos demagogos, revelava-nos, com modéstia parelha de talento, que sentia consoar-lhe no crânio o cérebro de Mirabeau; coriscos, se o eram, todos para dentro; que do fogo que lhe faiscava da fronte não havia que recear combustão em armazém de sulfureto de carbono.

Os outros não me lembra quem tinham dentro de si.

Pelo que me diz respeito, recenseando longa fileira dos defuntos históricos, suspeitei que era eu a paragem atual do transmigrado Sancho Pança, pur me sentir rasamente lerdo à beira daquelas pessoas trabalhadas por crudelíssimas almas de torna-viagem.

Dizia o mais moderado dos sete que Portugal estava espiando os crimes da casa de Bragança, alfobre de vícios selvagens, de tragédias sanguinárias, de vilanazes rapacidades. E acrescentava que Nuno Álvares Pereira, o santo, havia sido um façanhudo caudilho de celerados antes de casar com uma senhora rica do

Minho, que o afazendou bastante para poder aliar uma filha com o neto do desonrado Barbadão.

Isto dizia o democrata, enquanto o outro do cérebro rábido e fulminativo, esmurraçando o mármore, nos certificava que era preciso decepar a hidra bragantina, sem exceção de cabeça ou cauda: - cauda, dizia ele, na picaresca hipótese de que as hidras reais em Portugal têm colmilhos devorantes em ambas as extremidades do casal nutriente. m

O meu terror foi grande. Encarei naqueles homens exterminadores, e agourei-lhes mentalmente que morreriam justificados para bem do género humano e da casa de Bragança, onde tem luzido gente boa e católica, mormente um duque

D. Constantino, que governou a Ásia, e não quis ceder por trezentos mil cruzados aos alarves da índia um dente de certo bugio que fazia milagres por arte do diabo. Esta passagem contei-a eu àqueles crocodilos, os quais, no acume da sua ignorância rebelde, me passaram unanimemente alvará de parvo em três vidas.

À volta de uma mesa do café Martinho, em Lisboa, estavam, por 1857, seis ou sete sujeitos saturados de política. Estava eu também em princípio de "saturação", palavra pedida de empréstimo à química para bem materializar a ideia de um corpo embebido daquele cívico entusiasmo que salva as nações... nos botequins.

Agora é de saber que todos ele, us sete regicidas, hoje em dia, vampirizam as veias dessangradas do país, pisam alcatifas do paço, e fumam charutos do sr. D. Luís, pelos quais se lhes vaporaram os fígados de Robespierre, o encéfalo de Mirabeau, e toda a mais peçonha que lhes satanizava as entranhas, tirante a do estômago que ainda é corrosiva como sempre.

Revertendo aos assuntos debatidos naquela roda de trogloditas, cujas caras a labareda do ponche queimado azulejava terrificamente, dizia um que a devassidão do maior número de monarcas portugueses se revelava sobejamente nos filhos bastardos, e nos adulterinos e até nos incestuosos. Em confirmação da tese petulante, individuou com admirável retentiva os filhos ilegítimos de cada soberano, e não somente os abonados pela história, senão outros muitos denunciados pela tradição, e sonegados pelos historiadores em preto a insígnies famílias desdouradas pela libertinagem dos reis.

Ocasionou-se-me então o ensejo de observar que o sr. D. Miguel de Bragança, bem que malsinado de frasqueiro e muito dado a damarias, não deixara filhos reconhecidos ou sequer suspeitos; donde eu inferia que a calúnia superfluamente lhe encarecera os vícios, não lhe querendo somente imputar à descultura do espírito e aos maus companheiros da mocidade os funestos lances do seu reinado.

Redarguiu de pronto o malsim das reais progenituras que D. Miguel podia ser tão devasso como seus avós; todavia menos fecundo que eles; e acrescentou logo, porém, que afirmava a existência de filhos do príncipe proscrito, e me desculpava da ignorância por eu ser da província, e não conhecer as entranhas tuberculosas de Lisboa e da corte.

Estimulado por este dizer oriental e terapêutico, pedi que me dissessem quem eram os conhecidos filhos de D. Miguel.

O sujeito, que eu interrogava particularmente, nomeou cinco ou seis pessoas de ambos os sexos, umas que eu conhecia de vista, e outras dos apelidos heráldicos de seus progenitores legais...

Feita a resenha, um dos circunstantes ajuntou:

Primeira citação sobre a infanta

- Ainda te falta uma. A infanta capelista.

- Quem é? - acudiu o outro.

- É verdade, a infanta capelista, a mais simpática e adorável e florida vergôntea dum tronco podre. Hei de mostrar-lhe a você a infanta capelista - a doce criatura que faz lembrar a iriada borboleta que saiu de crisália gerada em esterquilíneo. Quer vê-la?

- Com a mais ardente curiosidade - respondi eu.

- Amanhã.

Camilo Castelo Branco (1872) *A Infanta Capelista*.

Ponto 13 – Praça Filipa de Lencastre (antigo Tribunal Criminal do Porto).

Aqui se situava o [Tribunal Criminal do Porto](#), na esquina com a rua da Picaria, edifício onde decorreu o julgamento de Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco, entre 15 e 17 de outubro de 1861, pelo crime de adultério. O processo foi entregue ao juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, pai de Eça de Queirós, mais tarde substituído (diz-se, por ser amigo do casal, e por influência de Manuel Pinheiro Alves). Dele consta a informação disponível na página do Museu do Tribunal da Relação do Porto seguinte:

“Por queixa de Manuel Pinheiro Alves, marido de Ana Augusta Plácido, foi instaurado processo de querela, por adultério, contra Camilo Castelo Branco e aquela Ana. O processo foi objeto de despacho lavrado, em 22 de dezembro, pelo juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, pai do Eça, titular daquele Tribunal Criminal, sito na Praça D.^a Filipa de Lencastre, na esquina com a rua da Picaria. A queixa foi assinada pelo advogado Alexandre Couto Pinto e os acusados tiveram como defensor Marcelino de Matos (...). Camilo e Ana acabaram por ser pronunciados, ela por adultério e ele por ter copulado com mulher casada, por decisão do Tribunal da Relação do Porto, já que o juiz Queirós apenas pronunciara a Ana. Isto por que só o adultério da mulher era punível e, relativamente ao homem participante, a punibilidade pressupunha o flagrante delito (sós e nus na mesma cama) ou a existência de cartas ou outro documento escrito. O flagrante não se verificava e apenas existia uma carta dirigida a um tio (informador de Pinheiro Alves da infidelidade da mulher) de Ana, mas em que não era mencionado o nome desta. Na sequência da pronúncia, Ana Plácido e, mais tarde Camilo, recolheram à Cadeia da Relação. Depois de muitos incidentes (pedidos de escusa de juízes, recursos), chegando o processo a subir ao Supremo Tribunal de Justiça, foi efetuado o julgamento, num ambiente extremamente emotivo, correspondente à grandiosidade do escândalo. (...) o júri (...) não considerando provados quesitos fundamentais. A sentença, proferida em 17 de Outubro de 1861 (...), limitou-se a absolver os acusados e emitir mandados de soltura”.

Camilo permaneceu na cadeia, em prisão preventiva, um ano e dezasseis dias. Ana um pouco mais. Durante a prisão, ele receou que o tio da Ana (que esteve na base da descoberta da relação entre eles), pagasse a alguém, dentro da Cadeia, para o matar. Acabrunhado, terá desabafado os seus temores perante um outro preso o qual lhe terá garantido que estivesse descansado, pois, se alguém ali lhe tocasse com um dedo, três dias e três noites não chegariam para enterrar os mortos. Este outro preso era José do Telhado. A gratidão de Camilo levá-lo-ia a partilhar o seu advogado de defesa. De salientar que o advogado de Camilo foi o Dr. Marcelino de Matos (1824-1865), pai do Dr. Júlio de Matos (1856-1922), o pioneiro da psiquiatria em Portugal.

Referência ainda à [Rua do Pinheiro](#), arruamento próximo da [rua da Picaria](#) onde Camilo também residiu.

Ponto 14 – Rua do Almada

Segundo Francisco Marques de Sousa Viterbo¹³

«parecia, aos sábados, uma feira de gado, tanto eram os burros dos ferreiros das cercanias, que chegavam cheios de seiras de pregos e partiam carregados de verguinhas de ferro em feixes, ao longo da albarda, levados pela Rua do Almada acima, no seu trotezinho miúdo e diligente que batia os grandes lajeados da calçada com um ruído de castanholas».



Ana Augusta Vieira Plácido
(Santo Ildefonso, Porto, 27 de Setembro de 1831 – São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, 20 de Setembro de 1895)



Manuel Pinheiro Alves
(Seide, Vila Nova de Famalicão, 23 abril 1807 - Vila Nova de Famalicão, 15 Julho de 1863)

Além do ar comercial desta artéria, marcada pelas lojas de ferragens, era habitada por muitos burgueses da cidade, dada a sua localização privilegiada face à Praça D. Pedro¹⁴.

Logo nas primeiras casas da rua (nº 28) viveu **Ana Plácido** (**Ana Augusta Vieira Plácido** ou **Ana Augusta**)¹⁵ com os seus pais e irmãos¹⁶ e mais tarde viria a ocupar o nº 378,



¹³ **Francisco Marques de Sousa Viterbo** (1845–1910) foi um destacado médico, poeta, arqueólogo e historiador português. Nascido no Porto, dedicou grande parte da sua vida à investigação documental, resgatando do esquecimento importantes fontes sobre a história da arte, literatura e imprensa em Portugal. Foi professor de Higiene na Escola Naval e na Escola de Belas-Artes de Lisboa, além de sócio da prestigiada Academia Real das Sciencias. A sua vasta obra bibliográfica e o seu rigor científico estabeleceram-no como uma figura central da erudição e da cultura portuguesa do século XIX.

¹⁴ <https://cidadetripeira.blogspot.com/2018/12/lugares-camilianos-no-porto-i-parte.html>

¹⁵ **Ana Plácido** nasceu a 27 de Setembro de 1831, na Praça Nova das Hortas, de acordo com a certidão de nascimento. A família, nos anos seguintes, é dada como moradora na Rua do Almada, nº 28, a rua apelidada das “meninas bonitas”. As duas moradas corresponderiam ao mesmo prédio que tinha frente para aquela praça e rua e, ainda, para a Travessa das Hortas (Rua Dr. Artur Magalhães Basto). Seria, portanto, o prédio que foi substituído, mais tarde, pelo da delegação do Banco de Portugal. Nessa época, a numeração dos prédios pelo número de polícia era corrida, pelo que é quase impossível localizar aquela morada. Porto, Igreja de Santo Ildefonso. Foi baptizada o 8 de Outubro de 1831 na Igreja de Santo Ildefonso. <https://portodeantanho.blogspot.com/2025/06/25282-pesquisa-das-moradas-de-ana.html>

¹⁶ **António José Plácido Braga** (1795 - 29 de março de 1852), pai da Ana Plácido e de Antónia Cândida Plácido Vieira (1799 - 28 de novembro de 1855). O casal teve 14 filhos: Ana Augusta Vieira Plácido; Antónia Cândida Plácido Braga; Eduardo Augusto Plácido; Alberto Augusto Plácido; Emília Antonia Plácido; Maria Amália Plácido; Antonio José Plácido, Jr.; Jerónima Plácido; Plácido José Vieira; Cândida Plácido; Eduardo Augusto Plácido; Maria José Plácido; Alberto Plácido...

onde residia **Manuel Pinheiro Alves**¹⁷, seu futuro marido.

Na Rua do Almada viveram mulheres famosas pelos seus encantos femininos e pelas histórias que protagonizaram, como foi o caso de Sofia Outeiro, de uma beleza sem par, por quem o desventurado poeta Jaime Artur, grande amigo de Camilo, se apaixonou e que ao ver o seu amor contrariado pelos pais da amada, acabou tristemente, afogado nas águas revoltas do rio Douro a que se atirara numa fria noite de inverno. Era por estas razões que os rapazes de há mais de século e meio chamavam à Rua do Almada a rua das meninas bonitas. A meio da rua, no nº 171 ficava a sede da



Rua do Almada em 1930. O quarteirão do lado direito foi demolido nos finais da década de 1930 e inícios da de 1940, para dar lugar à praça Dona Filipa de Lencastre. Esta abertura esteve enquadrada num plano de monumentalização que acompanhou a construção da avenida dos Aliados e do novo edifício da câmara.

¹⁷ **Manuel Pinheiro Alves** esteve ligado a vários empreendimentos: director do Banco Comercial do Porto (1850 e 1856), do Mercantil (1858) e do Comercial (1858); primeiros accionistas da Fundação do Bicalho (1851); dos corpos gerentes da Companhia Garantia (1855); director da Assembleia Portuense (1856).

Ana e a família viviam uma existência de média burguesia mas perante a lenta decadência económica da família, Ana é aconselhada a casar com o pacato comerciante. Em 1850, com 19 anos de idade, Ana Plácido casa com Manuel Pinheiro Alves, de 43 anos, "Brasileiro" de torna viagem, possuidor de uma fortuna considerável. Visto a diferença de idade entre ambos ser de 24 anos, é de considerar que o casamento fosse de conveniência, o que à época era muito comum.... Casou na Campanhã, Capela da Quinta de Vilar Álen, 28 de Setembro de 1850.

Em 29 de março de 1852, seu pai, António Plácido Braga morre no desastre do vapor Porto, junto à Foz do Douro, a cerca de algumas centenas de metros do local da estação de embarque, que estava fora de serviço, tendo morrido 37 passageiros e 29 tripulantes.

A bordo estava António José Plácido Braga, pai da Ana Plácido e de Antónia Cândida Plácido Vieira. A segunda filha casara, havia pouco tempo, com António Bernardo Ferreira, filho de D. Antónia Adelaide Ferreira, a célebre Ferreirinha da Régua. Mas este casamento realizou-se contra a vontade da Ferreirinha que andava a tentar anula-lo. Nesse propósito já havia conseguido que o bispo da diocese suspendesse o pároco de Nossa Senhora da Vitória, padre António de Sousa que, naquela paróquia, unira canonicamente os dois apaixonados. A presença de António José Plácido Braga tinha uma explicação: ele ia a Lisboa tentar, junto do cardeal, que o casamento da filha com António Bernardo Ferreira se mantivesse válido. Essa era, afinal, a vontade dos noivos.

António Plácido Braga acabou por morrer no naufrágio. Um jornal da época, o *Nacional* publicou, junto à reportagem do trágico acontecimento, um caixilho com uma mensagem dirigida, naturalmente, à Ferreirinha, embora sem citar nomes, apelando à concórdia. E o casamento manteve-se, como é do conhecimento geral.

Entre os que pereceram no naufrágio estava, também, José Augusto da Silveira Pinto, um grande amigo de Camilo que o evocou num sentido soneto que publicou no dia a seguir à catástrofe nas colunas do *Nacional*. O romancista voltou a evocar o amigo noutra ocasião, num artigo a que deu este sugestivo título: "Orai pela sua alma". Mas nunca fez a mais leve referência a qualquer outro naufrágio. Nem a António José Plácido Braga, o pai de Ana Plácido, a "mulher fatal" do romancista desde, pelo menos, 1850. Estranho!

Germano Silva (2018) "Naufrágio do vapor Porto", *visao.pt*, 14 de abril de 2018.



Sede da Assembleia Portuense a partir de 1859 – foi demolida aquando da construção da Avenida dos Aliados e ficava no local onde hoje se encontra o Clube dos Fenianos

*Gazeta Literária do Porto*¹⁸. Curiosamente muito próximo da casa de Ana Plácido e Manuel Alves ficava a *Assembleia Portuense*¹⁹ (na esquina da então travessa da rua do Almada -atual rua Dr. Ricardo Jorge- com o Largo da Trindade) local onde Ana Plácido viria a conhecer Camilo.

A Assembleia Portuense, fundada pela elite portuense entre 1834 e 1837 estava instalada num palacete no nº 5 do Largo do Laranjal, atualmente Praça da Trindade. Após a sua dissolução e fundação do *Clube Portuense*, em 1857, a instituição muda-se para um novo edifício que corresponde atualmente à parte norte da sede do *Clube dos Fenianos* do Porto. Camilo foi sempre persona non grata na Assembleia dado o sarcasmo com que tratava todos quantos a frequentavam como podemos ver num pequeno extrato de *Coração, Cabeça e Estômago*:

¹⁸ *Gazeta Literária do Porto* também conhecida por *Gazeta de Camilo Castelo Branco* publicou-se semanalmente na capital nortenha em 1868, com início em Janeiro, e contou com a presença de Camilo como redator principal assinando a grande maioria dos textos publicados. Este facto originou um litígio entre o escritor e o editor, Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, reclamando, o primeiro, o pagamento do seu trabalho, reclamando, o segundo, a propriedade dos textos, de tal forma que acabou por conduzir ao encerramento da publicação. Quanto aos conteúdos, estes alternavam entre os folhetins, romances, crónicas, críticas etc., assinados por personalidades relevantes da literatura portuguesa, entre os quais: Ana Plácido (que assinava sob o pseudónimo de Gastão Vidal de Negreiros), Tomás Ribeiro, Delfim de Almeida, Bulhão Pato, Ramalho Ortigão, Ernestina da Luz, Frederico Laranjo, José Maria d'Andrade Ferreira, Pinheiro Chagas, António Feliciano de Castilho, Júlio de Castilho e António Azevedo Castelo Branco (sobrinho de Camilo Castelo Branco).

¹⁹ A *Assembleia Portuense* foi fundada em 31/5/1834 na antiga Praça da Erva, depois Largo do Laranjal e finalmente Praça da Trindade. Pretendeu-se criar um local onde os associados pudessem encontrar-se para conversarem, jogarem "jogos lícitos" e lerem. Também aí se realizavam bailes de grande agrado dos sócios em que eram servidas bebidas e doces. Interessantes eram algumas das regras que proibiam os associados de entrar em certos locais com capote, chapéu e galochas que deveriam deixar na portaria. Só na sala de bilhar e de leitura era permitido usa-los. Era proibido cuspir, assobiar, discutir alto para não perturbar a ordem. Na sala de leitura o silêncio deveria ser absoluto. Este clube destinava-se à mais alta burguesia.

Jocosamente chamavam à sala de convívio o "Palheiro", pois tinha o chão forrado com uma "alcatifa" em esparto para maior comodidade dos sócios. Irónicamente, Camilo afirmou desconhecer a razão, mas como esta palavra vem de palha, talvez fosse para designar o alimento dos que a frequentavam. Todas as noites era distribuído gratuitamente pelos presentes chá e bolos. Em 1842 tinha mais de 300 associados. Em consequência do empobrecimento desta classe, por força das lutas políticas dos anos 40 do séc. XIX, houve muitos sócios que abandonaram a A.P. pelo que esta sofreu graves prejuízos. Pretendeu a Direcção acabar com o referido chá gratuito, o que causou grande divisão entre os associados. Realizaram-se diversas A.G. e ao fim de mais de um mês de discussões, os que pretendiam continuar com este costume perderam a votação em A. G, pelo decidiram fundar uma nova associação.

Assim, em 24/5/1857 foi fundado, pelos associados dissidentes da A.P., o Clube Portuense. Eram várias dezenas de personalidades da Cidade do Porto, entre os quais se encontravam proprietários, futuros titulares, homens de governança da Cidade e diversos estrangeiros, nomeadamente ingleses cuja colónia detinha uma grande influência na sociedade e economia da Cidade. A Assembleia de Constituição foi na Casa da Fábrica, mais tarde infelizmente destruída. Era uma das mais belas casas do Porto e foi prometido reconstruí-la na Cordoaria, mas nunca tal veio a acontecer.

Em 1924 mudou-se para a Rua de Cândido dos Reis, para o edifício aí construído pelo Conde de Vizela, onde ainda hoje se encontra. Na década de 1980, o edifício foi adquirido pelos sócios ao antigo banqueiro António Brandão Miranda.

Era o doutor amigo íntimo da família, pertencia ao conselho tutelar da órfã, curava dos negócios litigiosos do brasileiro e podia muito na casa, dominando a vontade do dono, que se fiava dele, mais seguro que em si próprio. Trinta e oito anos teria Anselmo. Em conta o haviam de homem exemplar em todas as qualidades boas, excepto na jurisprudência, em que era ignorante mais que o ordinário. Isso, porém, não lhe danificava o bom nome. Os seus muitos apologistas, se duvidavam dar-lhe procuração para os representar no foro, sobejamente o indemnizavam, confiando-lhes mulheres, filhas e —o que mais é no Porto— o dinheiro.

Tinha o Dr. Sanches uma cara mais que feliz para se fazer benquisto. Nunca fechava a boca. O queixo inferior, pedindo sempre, servia-o às maravilhas, quando parecia escutar com dor os escândalos que os oradores encartados da **Assembléia Portuense**²⁰ expectavam do peito sujo, onde a asma senil desafojava pela detracção injuriosa. Se a vítima era senhora casada, o doutor abanava um pouco a cabeça, punha os olhos no tecto, e dizia: "Vão-se os costumes..." Se o escândalo recitava as gargalhadas gosmentas do auditório, Anselmo sorria por complacência e murmurava: "É remarcável o deboche em que está o grande mundo!" (O celerado conspurcava a língua pátria!). Não consentia ele que se erguesse voz a desculpar imoralidades, se raro sucedia algum confrade, por sestro de contradição, indulgenciar fraquezas ordinárias, em verdura de anos, ou obrigadas por circunstâncias especiais.

Camilo Castelo Branco (1862) *A Coração, Cabeça e Estômago*.

²⁰ Ao tempo que Silvestre da Silva escrevia esta impertinência contra a Assembléia Portuense, tinha esta sociedade uma sala privativa de alguns indivíduos, que se divertiam contando passagens da vida alheia, em linguagem acomodada aos assuntos. Os sócios desta congregação, chamada "Palheiro", eram pessoas respeitáveis, maiores de cinquenta anos, qualificadas na hierarquia eclesiástica, no comércio nobilitado e na magistratura, sendo os principais elementos do "Palheiro" negociantes aposentados vindos do Brasil. A razão de chamar-se "Palheiro" àquela reunião não a sei. Conjeturalmente diziam alguns etimologistas que palheiro derivava de palha, querendo concluir que o pensamento de quem dera o nome à coisa fora significar o alimento natural dos sócios reunidos naquele ponto do edifício. Acho muito violenta e sobremaneira desatenciosa a hipótese. Os cavalheiros, ofendidos com tal interpretação, eram pessoas que tinham boas lembranças, propósitos salgados e instrução variada para enfeitar as desgraças da maledicência. Estas qualidades intelectivas não se nutrem com palha, penso eu.

Conquanto não fosse extremamente agradável ouvir um sexagenário a discorrer em termos lúbricos acerca das suas libertinagens de rapaz, eu tenho mais que muito para mim que o sal ático dos eufemismos havia de encobrir a impudicícia da ideia.

O que havia de menos louvável nas sessões daqueles cavalheiros era a obrigação que reciprocamente se impunham de esmiuçarem os pormenores das desonras meio veladas para os contarem de modo que a difamação pudesse dali sair a desenrolar o sudário das chagas sociais à luz do sol. Quando os relatores não tinham que expender, era permitida a calúnia para gastar o tempo: quer-me parecer que este artigo dos estatutos do Palheiro não merece louvores. Homens a escorregarem à sepultura, uns entrajados com as severas vestes da religião de Cristo, outros com o peito honrado por cruces e crachás, outros com numerosa posteridade de filhos e netos, não davam de si boa prova indo para ali afiar a linguagem do impudor, decretar a publicidade de desgraças, que não precisavam da infâmia pública para o serem, e inventar escândalos para aligeirar os tédios da noite.

O que tinham de mais humano aqueles sujeitos era comerem muito biscoito de Valongo e forragearem nos tabuleiros às mãos-cheias para levarem à família. Isto, que não parece bonito, era a coisa de mais sainete e folia que os velhinhos faziam na assembléia.

O tempo foi matando uns e espalhando os outros, de modo que o Palheiro, à falta de concorrentes dignos, ficou devoluto, à espera que a geração nova passe da torpeza militante para as pacíficas recordações de suas façanhas.

Percorrendo a rua no sentido para Norte, na esquina da Rua do Almada com Rua da Fábrica encontra-se hoje o Hotel Internacional do Porto. Em tempos estiveram no rés-do-chão do prédio duas livrarias: a Simões Lopes e a Educação Nacional. De 1820 a 1880 esteve o prédio ocupado pelo famoso **Café das Hortas**, frequentado por Camilo e por muitos outros intelectuais da época.



